



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO – DEDC/CAMPUS I
COLEGIADO DE PEDAGOGIA**

RENAN BARBOSA DOS SANTOS SOUSA

**A LITERATURA DE CORDEL NA EJA COMO COLABORAÇÃO AO INCENTIVO
À PRÁTICA DE LEITURA AOS ALUNOS DO COLÉGIO ESTADUAL ANTÔNIO
CARLOS MAGALHÃES - EIXO VII**

**Salvador – Bahia
2023**

RENAN BARBOSA DOS SANTOS SOUSA

**A LITERATURA DE CORDEL NA EJA COMO COLABORAÇÃO AO INCENTIVO
À PRÁTICA DE LEITURA AOS ALUNOS DO COLÉGIO ESTADUAL ANTÔNIO
CARLOS MAGALHÃES - EIXO VII**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Colegiado de Pedagogia, Departamento de Educação, Campus 1, da Universidade do Estado da Bahia - UNEB, como requisito parcial para obtenção do título de Graduado em Pedagogia.

Orientação: Prof. Dr. Gilmário Moreira Brito.

**Salvador – Bahia
2023**

RENAN BARBOSA DOS SANTOS SOUSA

**A LITERATURA DE CORDEL NA EJA COMO COLABORAÇÃO AO INCENTIVO
À PRÁTICA DE LEITURA AOS ALUNOS DO COLÉGIO ESTADUAL ANTÔNIO
CARLOS MAGALHÃES - EIXO VII**

Monografia apresentada como requisito parcial para obtenção da graduação em Pedagogia do Departamento de Educação – Campus I da Universidade do Estado da Bahia, sob orientação do Prof. Dr. Gilmário Moreira Brito.

Salvador _____ de _____ de 2023.

BANCA EXAMINADORA

Orientador Prof. Dr. Gilmário Moreira Brito

Professora Dr^a. Andréa Betânia da Silva

**Salvador – Bahia
2023**

Eu dedico este trabalho a você, que enxergou em mim uma capacidade que eu desconhecia.

A ti não necessito prolongar minhas falas, conhece todo o meu discurso de gratidão.

Obrigado por tudo, obrigado por tanto!

AGRADECIMENTOS

A Deus agradeço por me manter firme e seguro desde o princípio, amparando-me em suas mãos todas as vezes que fraquejei e tropecei. O senhor é meu refúgio e meu acalanto.

Ao Professor Gilmário Brito, toda gratidão pelo acolhimento e direcionamento, sua paciência e compreensão foram importantes para o andamento da pesquisa e conclusão. Compartilhou comigo seu vasto conhecimento, seus livros e materiais que contribuíram significativamente na minha escrita e na contextualização desse trabalho, ao senhor professor, muito obrigado.

A Professora Andréa Betânia, que com o convite que me fez para participar da Iniciação Científica, mudou toda a minha trajetória de vida. Foi responsável pela ressignificação do meu olhar para a docência. Tão humana e sensível ao outro, “emprestou” seus ouvidos não apenas as minhas dúvidas acadêmicas, mas aos meus anseios e inseguranças da vida. A senhora professora, toda minha admiração e gratidão.

As minhas chefias, muito obrigado pela compreensão e carinho, são responsáveis diretamente pela conclusão desse trabalho, sem a humanidade que possuem, jamais teria conseguido finalizar esse ciclo. Obrigado D. Angélica, Livinha e Taci. A Isabela, obrigado pela força, contribuição e parceria com que lidou comigo, gratidão Isa.

A painho, José (em memória) e Mainha D. Isabel, todo meu amor e admiração. São as pessoas responsável pelo adulto que me tornei. Mesmo com todas as dificuldades nunca me negaram o acesso a escola e sempre priorizaram meus estudos. Painho, como eu queria que o senhor estivesse aqui para ver o homem que me tornei, e acredito que de um certo modo o senhor estar. Mainha, a senhora é a pessoa mais importante da minha vida, busco todos os dias seguir o caminho que a senhora me ensinou e ensina diariamente, aos dois, minha eterna gratidão.

A Ray, obrigado pelas horas e horas de conversas que entregamos um ao outro, pelo carinho e admiração. Mesmo com todas as dificuldades cuidou e criou meus irmãos como pessoas integras e responsáveis. Você é uma mulher batalhadora e mesmo diante de todos os entraves não sucumbiu.

E a todos que contribuíram de modo direto e indireto, muito obrigado!

"Na palavra simples e rimada
Mora a força do saber;
quem conta a vida em versos
ensina sem perceber."

(Cordel popular)

RESUMO

A pesquisa que leva o nome “A literatura de cordel na EJA como colaboração ao incentivo à prática de leitura aos alunos do Colégio Estadual Antônio Carlos Magalhães – Eixo VII” tem como objetivo central apresentar as narrativas presentes nos folhetos de cordel aos alunos da Educação de Jovens e Adultos de uma escola estadual do município de Salvador, e como essas histórias podem estabelecer associações com as narrativas de vida dos estudantes dessa modalidade. Como suporte para compreender tais especificidades, este trabalho apresenta as características da Literatura de Cordel, o perfil atual da modalidade da EJA e os perfis do público frequentadores dessa modalidade de ensino, bem como, a utilização da literatura de folhetos como contribuição ao incentivo à prática de leitura na sala de aula. Trata-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa assentada, tanto em revisão de literatura, quanto nas observações, entrevistas e práticas de leitura em sala de aula da EJA Eixo VII, noturno. Para compreender o universo sobre a literatura de cordel a pesquisa se baseou nos estudos e publicações dos autores Maxado (2011), Brito (2009) e Silva (2018). As estratégias de discussão e leitura com a referida literatura em sala de aula foram trabalhadas com as contribuições de Pinheiro (2018), Galvão (2006) e Marinho (2012) e para compreender o público e alimentar diálogos com os jovens, adultos e idosos da referida turma recorreremos às reflexões de Gadotti (2011), Freire (1971) e Arroyo (2017).

Palavras-chaves: Educação de jovens e adultos; Leitura de folhetos; Literatura de cordel.

ABSTRACT

The research entitled "Cordel Literature in Youth and Adult Education (EJA) as a Contribution to Encouraging Reading Practices among Students at Colégio Estadual Antônio Carlos Magalhães – Axis VII" aims to present the narratives found in *cordel* leaflets to students of Youth and Adult Education at a state school in Salvador. It explores how these stories can establish connections with the life narratives of students in this educational modality. To support the understanding of these specificities, this study presents the characteristics of Cordel Literature, the current profile of the EJA modality, and the profiles of its students, as well as the use of leaflet literature as a tool to encourage reading practices in the classroom. This is a qualitative research study based on both a literature review and observations, interviews, and reading practices within the EJA Axis VII evening classes. To understand the universe of cordel literature, the research was based on studies by Maxado (2011), Brito (2009), and Silva (2018). The strategies for discussion and reading in the classroom were developed through the contributions of Pinheiro (2018), Galvão (2006), and Marinho (2012). To understand the audience and foster dialogue with the youth, adults, and elderly students of the group, the reflections of Gadotti (2011), Freire (1971), and Arroyo (2017) were utilized.

Keywords: Youth and Adult Education; Leaflet reading; Cordel Literature.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Perfil dos estudantes	28
Gráfico 2 - Retomada aos estudos	29
Gráfico 3 - Motivos da retomada	31

LISTA DE ILUSTRAÇÕES E FIGURAS

Figura 1 - Banca dos Trovadores Rodolfo Coelho Cavalcante (2023)	38
Figura 2 - Cordel: Maria Quitéria, heroína baiana que foi homem.	42
Figura 3 - Cordel: A filha que bateu na mãe e virou cachorra	43
Figura 4 - Apreciação dos cordéis na turma do 2º ano.	44
Figura 5 - A bela história de Jaci, a prostituta virgem e santa.	46
Figura 6 - Produção do cordel.	49
Figura 7 - Meu cordel (Araújo, 20 anos e Guimarães 22anos).	51
Figura 8 - Mulher vitimada! Lei Aplicada! (Vídero, 2023, 21 anos)	52
Figura 9 - A vida (Pereira, 2023, 25 anos).	54
Figura 10 - No sertão de um lugar encantado (Santana, 2023, 22 anos).	55
Figura 11 - Sertanejo (Oliveira, 2023, 60 anos)	57

LISTA NOMENCLATURAS

EJA – Educação de Jovens e Adultos

CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

CEAM – Colégio Estadual Antônio Carlos Magalhães

MEC – Ministério da Educação e Cultura

OCEJA – Organizador Curricular da Educação de Jovens e Adultos

QEDU – "Qualidade Educação" - Portal brasileiro de dados educacionais

UNEB – Universidade do Estado da Bahia

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	12
2 O CONTEXTO ATUAL DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NO COLÉGIO ESTADUAL ANTÔNIO CARLOS MAGALHÃES.....	20
2.1 As características do Colégio Antônio Carlos Magalhães de Salvador	21
3 O PERFIL DOS/AS ESTUDANTES JOVENS E ADULTOS DO EIXO VII DO CEACM	23
3.1 Rodas de Conversa e relatos de experiências dos/as estudantes do Eixo VII	26
4 A VEZ DA LITERATURA DE CORDEL: DO MERCADO À SALA DE AULA	39
4.1 Sensibilização para a leitura de cordéis na sala da EJA Eixo VII.....	41
4.2 A leitura do folheto “a prostituta virgem e santa” na sala da EJA Eixo VII	46
5 LEITURAS E RELEITURAS DOS/AS ESTUDANTES JOVENS E ADULTOS DA NARRATIVA DO CORDEL “A PROSPITUTA VIRGEM E SANTA”	51
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	59
7 ANEXOS	63

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho de conclusão de curso, tem como objetivo apresentar a Literatura de cordel em sala da educação de jovens e adultos – EJA, como uma colaboração ao incentivo à leitura.

Levar à Literatura de Cordel para sala de aula, pode contribuir para a formação de leitores, na Educação de Jovens e Adultos – EJA. Na atualidade é provável que se encontre no ambiente escolar quem nunca ouviu falar dessa poesia popular ou quem desconhece sua existência, porque é uma forma de literatura que circulava com maior frequência em feiras do interior do Nordeste é consumida por um público considerado “menos favorecidos” que por um longo período foi desvalorizada por amplos grupos de consumidores letrados urbanos.

A escolha deste tema para a elaboração do TCC foi realizada a partir da minha participação na *Iniciação Científica*, fui convidado pela professora Andréa Betânia para participar do seu projeto: Revisitando arquivos e reconhecendo fontes: o acervo do poeta Franklin Maxado Nordestino, com objetivo de organizar e catalogar o acervo do cordelista feirense. O processo de estar inserido no projeto, foi de grande importância para minha construção acadêmica. Durante toda jornada de desenvolvimento, pesquisa e introdução ao mundo do poeta e cordelista Franklin Maxado, pude constatar que o cordel teima ao tempo e ao seu modo de se apresentar, permanecendo acessível a todos. Se outrora fora somente estendido em varal ou espalhado no chão em feiras do interior nordestino, atualmente circula por todo país vendido em bancas dos mercados populares, feiras do interior, sebos e em bancas de revista nas grandes capitais.

A imersão nesse universo despertou-me o interesse e a atenção, para utilização da poesia de cordel no espaço escolar tendo como vista usá-lo para observar a sua colaboração na construção de habilidades de leituras. Abordar a literatura de cordel na educação de jovens e adultos – EJA, é de grande relevância para a academia e toda sociedade. A poesia dos folhetos, em sala de aula, pode favorecer o intercâmbio promovido pelo professor, quando os folhetos de cordéis são inseridos na metodologia de trabalho de um componente curricular como ferramenta que pode aproximar os alunos ao acesso à referida literatura, visto que, existem estudantes que não a conhecem.

Nesta perspectiva, busca-se, interação do público da modalidade da EJA com a Literatura de Cordel, com os versos, estrofes e imagens/xilogravuras com finalidade de

contribuir com à prática de leitura e com repertório vocabular dos estudantes, já que as produções poéticas desses impressos são alicerçadas na oralidade e narram fatos, acontecimentos do cotidiano, aventuras, romances e demais classificações.

Nesse sentido, busca-se entender como a leitura de folhetos da literatura de cordel pode contribuir para a formação leitora de estudantes da educação de jovens e adultos – EJA EIXO VII -, do Colégio Estadual Antônio Carlos Magalhães, buscando-se sensibilizar os estudantes para as práticas da leitura dando ênfase à importância para o processo de formação desse público inserido na sociedade.

Desse modo, para alcançar o objetivo central, foi preciso compreender três aspectos fundamentais: Identificar o perfil dos estudantes da Educação de Jovens e Adultos - EJA do Eixo VII, no Colégio Estadual Antônio Carlos Magalhães; sondar o interesse dos alunos da EJA no Colégio Estadual Antônio Carlos Magalhães pela literatura de cordel; apresentar à Literatura de Cordel como uma contribuição à formação leitora; realizar procedimentos /atividades de leitura e criação de textos produzidos entre os alunos da educação de jovens e adultos – EJA no Colégio Estadual Antônio Carlos Magalhães, Eixo – VII.

Assim, alimenta-se a esperança de que cada sujeito da modalidade de ensino da EJA identifique nas narrativas poéticas semelhanças com suas experiências de vida e leituras do mundo que são constitutivas antes mesmo do acesso à leitura escrita, dita culta, da norma padrão.

Meu primeiro contato com a Literatura de Cordel, deu-se ainda na minha infância no interior da Bahia, em Crisópolis, lugar onde eu nasci. Recordo de acordar cedo todas às quarta-feira para acompanhar minha avó à feira, fui criado por ela e meu avô desde o meu nascimento. A feira acontecia no centro da cidade em uma praça que era vizinha, naquela época, à nossa casa que nós morávamos. Gostava de acompanhá-la não somente pelas balas e doces que comprávamos nas bancas de vendedores que vinha de outras regiões, mas também, por encontrar meus tios – avós e “viajar” nas conversas que iam se “emendando” ao passo que outros parentes e conhecidos se aproximavam e participavam da prosa.

Desses momentos de interação, aproveitava a distração de todos e passeava pelas bancas da feira, tudo era uma vitrine exposto com cuidado, dos potes de barro e moringas no chão sobre serragem, aos DVDs pirata comercializados clandestinamente, tudo era um verdadeiro

acontecimento, mas o que chamava à minha atenção era o som do aboio que vinha do “curral do gado”, local onde se comercializava animais como bois, ovelhas, porcos, jumentos, cavalos e peças de couro. Era quase impossível chegar ao outro lado da feira sozinho, pois o caminho para o curral do gado não era seguro, vez ou outra algum animal fugia e era um corre-corre de gente, tinha caso até de atropelamento por animal.

Lembro que numa dessas “fugas” deparei-me, com um homem, microfone preso ao peito e envolto a um pano, ligado à uma caixa de som, gritava coisas como: “venham comprar a garrafada que levanta até defunto”, “venham conhecer a cobra mais peçonhenta e venenosa”, “conheçam o índio que pisa e se deita sobre vidro e não se corta”. O feirante, vendia de tudo, até livros, apresentando-os e contando pequenas histórias daqueles folhetos, creio que esse foi o meu primeiro contato com o cordel, e naquele momento não foram as histórias somente que causaram curiosidade, mas a capa dos folhetos, à figura de Lampião estampado, da mulher com seus seios à mostra e casal em posição sexual explícita.

Na adolescência, cursando o fundamental II na escola pública, conheci seu Dezinho Pedreira, cordelista da cidade de Crisópolis. O Sr. Dezinho, estava presente em todos os eventos da comunidade escolar e festejos do interior, apresentava-se na escola carregando suas obras e declamando suas histórias, sobre a Igreja do Bom Jesus, construída pelo peregrino Antônio Conselheiro, ao qual o cordelista escreveu nas suas obras.

Assim, acredita-se que a leitura das histórias em sala de aula pode contribuir para que os estudantes reconheçam nas xilogravuras, versos, estrofes, sextilhas e todos os outros componentes constituintes em sua estrutura, acontecimentos, denúncias e fatos, que ocorriam no passado. Mesmo com o avanço das tecnologias e da globalização, o cordel permanece em um processo de mudanças permanentes ao longo do tempo, na atualidade, através de poetas, cantadores, escritores, cordelistas, como o Professor Antônio Barreto, Bule-Bule e Franklin Maxado Nordestino, entre outros.

Desse modo, a metodologia a ser utilizada em sala de aula deve considerar a realidade de cada sujeito que está inserido no ambiente da EJA para valorizar suas experiências culturais e regionais. Segundo Pinheiro

Deve-se, portanto, recolher dos próprios alunos relatos de vivências, experiências deles conhecidas, e, ao mesmo tempo, partir das obras – os folhetos – e penetrar nas questões que lá estão representadas. (Pinheiro, 2012, p.126)

Neste sentido, os conhecimentos e as experiências de vida dos/as educandos/as devem ser respeitados, considerados e inseridos nas atividades práticas de leitura e escrita mediadas de forma dialógica pelo professor/ra tendo em vista estimular a capacidade de pensar e crescer para que percebam a importância da valorização de suas culturas.

Os aportes teóricos utilizados para a pesquisa são de vital importância para sua construção. Ao longo do texto apresento os principais autores e trabalhos que ajudaram na fundamentação deste projeto de conclusão de curso.

Moacir Gadotti, em seu livro “*Educação de adultos como direito humano*”, aborda uma visão ampliada da educação de jovens e adultos – EJA. Essa importante modalidade de ensino. Segundo o autor,

[...] ela é necessária para a conquista da liberdade de cada um e o seu exercício da cidadania, para o trabalho, para tornar as pessoas mais autônomas e mais felizes. A educação é necessária para a sobrevivência do ser humano. Para que ele não precise inventar tudo de novo, necessita apropriar-se da cultura, do que a humanidade já produziu. Se isso era importante no passado, hoje é ainda mais decisivo, numa sociedade baseada no conhecimento. (Gadotti, 2009, p.17).

Pode-se compreender da reflexão supracitada, que é preciso que haja políticas públicas para acabar e/ou diminuir o analfabetismo no Brasil porque considera que o governo trata a EJA nas três esferas, como custo e não um investimento. A educação de jovens e adultos causa impacto direto na sociedade. Um país que não investe na educação do público frequentadores dos centros dessa modalidade, nega duas vezes o direito do aluno em continuar e concluir seus estudos.

Além disso, o texto aborda a luta que o Brasil trava para acabar com o analfabetismo enraizado no cerne da sociedade brasileira por falta de políticas públicas bem direcionadas e aplicadas. Porém, é importante questionar, quem são os protagonistas que compõem essa modalidade de ensino, qual o perfil desses sujeitos? São alunos que por algum motivo social e econômico não tiveram acesso ao ensino “regular” na “idade certa”, desistindo de estudar para ingressar no mundo do trabalho para manter sua subsistência em serviços como, trabalhadores domésticos, rurais, informais, lavadores de carros, pedreiro, serventes, entre outros cargos que são assumidos geralmente por essa população periférica, preta e pobres, moradores do campo e comunidades carentes.

No livro “*Poesia em sala de aula*”, o professor Hélder Pinheiro (2018), ressalta a relevância de se trabalhar poesia no cotidiano da sala de aula e ao mesmo tempo alerta para os cuidados na escolha do tipo de poesia a se utilizar. Conforme Pinheiro,

É evidente que vale a pena trabalhar a poesia na sala de aula. Mas não qualquer poesia, nem de qualquer modo. Carecemos de critérios estéticos para a escolha das obras ou para a organização de antologias. Não podemos cair no didatismo e no moralismo que sobrepõem valores preestabelecidos à qualidade estética. (Pinheiro, 2018, p.14)

Seguindo a reflexão do autor é possível deduzir que usar a poesia como estratégia para dialogar com estudantes jovens e adultos da EJA, é uma tarefa que requer cuidado para ser trabalhado no cotidiano da sala de aula. É através das poéticas da literatura de cordel que se busca sensibilizar os estudantes, apresentando suas ricas narrativas sobre o cotidiano das ruas, labutas, casos e superação, que se assemelham às lutas dos jovens e adultos que estão inseridos nessa modalidade de ensino.

Para a imersão do universo da literatura de cordel, buscou-se contribuição no livro “*O que é cordel na literatura popular*”, do cordelista feirense Franklin Maxado, o Maxado nordestino, na obra o autor apresenta desde o que é literatura de cordel, o que é cordel, os principais cordelistas e até a classificação dos folhetos. O referido livro é importantíssimo para quem deseja saber um pouco mais sobre a poesia de cordel, como ressalta o jornalista e poeta Crispiniano Neto (2011) *Leiam Franklin Maxado e saibam O Que é Literatura de Cordel. Depois. Bom, depois, e somente depois, comecem a falar sobre o assunto*”.

Franklin Vitória de Cerqueira Barreiros Machado, popularmente conhecido como *Franklin Maxado, Maxado do Nordeste ou Maxado Nordestino*, nasceu em Feira de Santana - Ba, em 15 de março de 1943, advindo de família rica e tradicional do interior conforme nos diz Araújo (2007, p.9) “Os pais do novo feirense foram Isaac Barreiros Machado, dentista e fazendeiro moreno, e dona Anita Vitória Cerqueira Barreiros, professora, loira de olhos azuis, ambos pertencendo a ilustres famílias do município”. O poeta e cordelista possui certificação de nível superior, direito e jornalismo. Atuou na capital paulista como jornalista e, posteriormente, deixou o emprego para se dedicar à poesia popular e à produção de cordel.

Segundo Araújo

Ao chegar à capital paulista, trabalhou como jornalista, mas constatando que aquele não era o caminho a ser seguido, que na verdade sua estrada era a mesma de centenas de conterrâneos, resolveu abandonar a segurança de um emprego com ganho

garantido e partiu para a aventura linda, porém instável, dos poetas (Araújo, 2007, p.9).

Franklin ficou conhecido popularmente através de cordéis produzidos e por ser um “artista” de mão-cheia na produção de xilogravuras. Obras como, *O Romance do Pavão Misterioso*, *A volta do Pavão Misterioso*, *A Bela História de Jaci*, *a Prostituta virgem e santa*, tornaram o Maxado Nordestino, cordelista conhecido em tanto no Nordeste como no Sudeste do país.

A primeira edição do projeto Sextarte, “A re(e)xistência da cultura popular em tempos de pandemia”, trouxe para o centro do debate os cordelistas Bule-Bule e Franklin Maxado. Realizado em 21 de setembro de 2021, evento produzido pelo Grupo de Mestrado Profissional em Letras da UNEB do Campus V, em Santo Antônio de Jesus, em formato de *live*, disponível no streaming de vídeos do Youtube.

Maxado Nordestino, apresenta-se e não poderia ser diferente declamando versos sobre sua partição no projeto. O poeta vivo e antenado como o processo que passava toda humanidade, vivenciando o momento tenebroso da pandemia do COVID-19, lançou o cordel "O Coronavírus e a melhora do Mundo", obra escrita e publicada em 2020. Nessa obra, apresenta narrativas sobre o impacto que a pandemia provocou em todo o mundo, na relação dos homens com as doenças existentes e finalizando com recomendações para enfrentamento ao coronavírus.

Mas, voltando ao seu livro “*O que é cordel na literatura popular*”, Franklin apresenta recortes e fatos históricos que ajudam o leitor a compreender como surgiu o cordel, antes apresentando o seu cerne, as partes constitutivas da literatura de cordel que surge a partir de histórias que circulam na oralidade, através de contação de casos, histórias amorosas, crimes, denúncias, entre outros. Segundo Maxado

A literatura popular sempre existiu, pois sempre existiu povo. Desde que o homem se tornou um animal racional, com voz, ele conta seus casos, principalmente de lutas contra inimigos, contra animais, contra a natureza ou de conquistas amorosas. Com a evolução, as técnicas de narração foram se sofisticando até o aparecimento dos versos e rimas. (Maxado, 2011, p.19)

Na obra o poeta apresenta, a classificação dos cordéis mostrando de modo didático como cada se estrutura. Folhetos como, de época ou ocasião, tratava de casos que aconteciam em cidades e bairros, como assaltos, acidentes e abuso sexual. Na Bahia temos um cordelista de nome conhecido como Cuíca de Santo Amaro, o poeta, segundo Franklin “incomodava” os

grandes poderosos, denunciando “marmeladas” e negócios duvidosos. Vejamos duas estrofes sobre o “O Monstro de Amaralina” ainda segundo o autor, narrativas sobre um tarado sexual de mulher:

“Se eu fosse Chefe de Policia
Do Estado da Bahia
Com todos os tarados
Sabe o que eu fazia?
Dava fim em todos eles
De uma noite para o dia

Faria com o tal monstro
Conforme já é sabido
O que a mulher de Brotas
Fez um dia com seu marido
Seria um bom exemplo
Para muito atrevido”

Desse modo, a obra do poeta *O que é cordel na literatura popular*, é abundante em informações sobre a chegada do cordel ao Brasil, da voz como suporte para perpetuar e declamar histórias e narrativas que circulam entre os povos. Apresentando de fato o que é literatura de cordel, no mundo, Brasil e no Nordeste.

A metodologia utilizada para elaboração deste trabalho será com base em estudos bibliográficos de cunho quantitativo e qualitativo, buscando-se através de materiais já elaborados como livros, artigos científicos e publicações periódicas ampliar o alcance para investigação e que contribuam para a coleta de dados.

De acordo com Gil,

A principal vantagem da pesquisa bibliográfica reside no fato de permitir ao investigador a cobertura de um fenômeno de forma muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente. Essa vantagem torna-se particularmente importante quando o problema de pesquisa requer dados muitos dispersos pelo espaço. [...] A pesquisa bibliográfica também é indispensável nos estudos históricos. Em muitas situações, não há outra maneira de conhecer os fatos passados se não com base em dados bibliográficos (GIL, 2002, p.44)

Por isso, os estudos bibliográficos realizados nesta pesquisa contribuem para acrescer as informações sobre o tema e a proposta da pesquisa, permitindo transitar por autores e obras que apresentam conceitos e materiais acerca da temática escolhida. Porém, foi necessário também ir ao campo para o aprimoramento e aprofundamento do tema, optou-se por utilizar uma abordagem qualitativa através da qual busca-se investigar, perceber, sondar os indivíduos inseridos no ambiente escolar em turma da educação de jovens e adultos – EJA do Eixo VII.

A esse respeito, segundo Goldenberg,

Os dados qualitativos consistem em descrições detalhadas de situações com o objetivo de compreender os indivíduos em seus próprios termos. Estes dados não são padronizáveis como os dados quantitativos, obrigando o pesquisador a ter flexibilidade e criatividade no momento de coletá-los e analisá-los. Não existindo regras precisas e passos a serem seguidos, o bom resultado da pesquisa depende da sensibilidade, intuição e experiência do pesquisador. (Goldenberg, 2011, p.53).

O cunho qualitativo permitiu que durante a realização do trabalho, os dados coletados pudessem ser analisados de modo fidedigno, aproximando o pesquisador aos seus objetivos de pesquisa, buscando-se conhecer o público frequentador da modalidade Educação de Jovens e Adultos - EJA do Colégio Estadual Antônio Carlos Magalhães, turma Eixo VII A, sondando o interesse dos estudantes pela literatura de cordel e apresentar a literatura como forma de utilizar o cordel como suporte capaz de contribuir para a prática de leitura em sala de aula.

Para além disso, fez-se necessário preservar os nomes dos alunos, que receberam pseudônimos, e do professor que me acompanhou (que chamarei de Carlos). Tive esse cuidado, pois, algumas informações que me foram relatadas podem de algum modo colocá-los em evidência e até mesmo em perigo.

2 O CONTEXTO ATUAL DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NO COLÉGIO ESTADUAL ANTÔNIO CARLOS MAGALHÃES

Cada degrau da escada que percorro paulatinamente, pé ante pé, vagarosamente, com muito cuidado, procuro respeitar cada nível ultrapassado, sem pressa, pisando firme, observando e analisando tudo que acontece no meu entorno. Ao longo da subida, trago comigo minhas inseguranças, meus medos, dúvidas e o cansaço no corpo de um dia longo de trabalho, porém, confiante nos objetivos do projeto que me propus a realizar.

Os incontáveis degraus da escadaria que caminha para o hall de entrada do colégio, durante a subida, vai entregando no seu percurso a presença de adolescentes, meninos e meninas negros/as com sandálias, bermudas, bonés, com cabelos solto, trançados e curtos, aparentando idade entre 15, 16 e 17 anos, sentados no chão ou recostados na parede amarela desbotada revestida com o limo esverdeado que cobria metade dela.

Sobre as paredes amareladas e desbotadas da escola, destaca-se na fachada principal e por toda parede que acompanha a escadaria, os grafites de figuras negras imponentes, homens e mulheres carregando coroas de reis e rainhas acima dos seus cabelos Black Power volumosos e firmes, seguido de frases como “liberdade” “respeito” “força” “resiliência” “juventude”: frases de efeito positivo que relacionam as representações dos grafites aos anseios e as lutas da juventude que permeiam a escola.

Os adolescentes, alguns vestem a farda do colégio e outros uniformes e camisas de empresas que deixam evidentes seus itinerários até a escola: são jovens que trabalham durante o dia e, por algum motivo, decidiram voltaram a estudar à noite. Alguns deles seguram “cigarros” entre os dedos e conversam com outros tantos compartilhando o que sobra da brasa acesa na bituca. Outros meninos e meninas, entre 15, 16 e 20 anos, carregam nas mãos utensílios azuis, pratos e talheres, com a merenda distribuída naquela noite, todos reunidos na escadaria íngreme, longa e escura.

Em cantos separados, um distante do outro, observo os adultos e idosos, com os seus olhares tímidos e distantes, buscando de alguma forma “esconder” sua presença diante do “intruso”, que apalpa com o olhar cada detalhe do ambiente. Em suas mãos, cadernos e canetas, sentados nas mesas de frente para a cantina. Nenhum deles utiliza fardamento, e todos se recolhem ao primeiro sinal da campainha que indica o início da aula.

2.1 As características do Colégio Antônio Carlos Magalhães de Salvador

Esse foi o cenário que observei na minha primeira visita ao Colégio Estadual Antônio Carlos Magalhães, no dia 31 de agosto de 2023. A instituição está localizada na rua principal da Av. Vasco da Gama - Engenho Velho de Brotas, dividindo parede com o Colégio Municipal Senador Antônio Carlos Magalhães. Segundo dados do QEDU, estão matriculados na instituição, cerca de 735 alunos, divididos entre os Anos Finais, Ensino Médio, Educação Especial e Educação de Jovens e Adultos - EJA, essa última modalidade contando com 161 estudantes matriculados no turno noturno entre os Eixos VI A e B e Eixo VII do Tempo Formativo.

A estrutura da escola, conta com dois andares, na parte inferior fica localizada a cantina, banheiros femininos e masculinos, algumas salas de aula e no segundo andar, fica a sala dos professores, diretoria, coordenação pedagógica, além da sala de vídeo e outras salas de aula. A portaria da instituição situa-se na Av. Vasco da Gama, passando quase despercebida, pois o viaduto de retorno da avenida sombreia a entrada da escola e a esconde no meio de outros prédios em seu entorno.

É impossível não deixar de notar as marcações cravadas nas paredes da escola, tanto na parte externa quanto na parte interna das salas. Riscos, rabiscos, gravuras e pichações demarcam o território comandado por facções que impactam diretamente na rotina do cotidiano escolar.

A Bahia nos últimos anos, vem se destacando de modo negativo no que se refere a segurança pública do estado, segundo o *Anuário Brasileiro de Segurança Pública*, através de divulgação de dados, o estado baiano lidera o ranking com as 12 cidades mais perigosas do Brasil, e a capital do estado, Salvador, ocupando o 12º lugar. Inserida nesse cenário de violência e ameaças de facções está a escola que recebe os estudantes advindos de bairros violentos, sem segurança, adolescentes, adultos e idosos que vêm suas vidas marcadas pela falta de segurança e a violência urbana que estão diretamente ligadas com suas rotinas.

A escolha do colégio, foi pela indicação de uma colega de turma que em outro momento atuou na escola junto ao professor que cedeu suas aulas para que eu desenvolvesse o projeto de pesquisa. Por questão de ética e segurança os nomes do professor e da equipe que compõe o quadro de funcionários da instituição serão preservados, pois, ao longo do projeto se faz necessário citar acontecimentos que de certo modo influenciaram na rotina do colégio e na realização da pesquisa.

O professor, me acolheu cordialmente e de modo harmonioso. Era a primeira vez que nos encontramos, e partimos para a apresentação da escola e dos funcionários. No turno noturno, são oferecidas duas modalidades de ensino, o 2º e 3º ano do Ensino Médio regular e Educação de Jovens e Adultos - EJA, Eixos VI e VII, o primeiro Eixo VI relativo ao 1º e 2º ano do Ensino Médio e VII ao 3º ano. Na noite da apresentação estava presente a diretora substituta, a coordenadora pedagógica e quatro professores. A convite do professor, fui chamado a participar de uma pequena reunião que aconteceu nas salas dos professores.

O assunto em discussão naquele momento, era a programação para a realização do evento temático que as turmas da EJA iriam apresentar em forma de seminário, cada professor junto aos seus alunos/as decidiu temas que seriam discutidos por eles com todas as turmas, foram sugeridos temas como Femicídio, Violência nas Escolas, Racismos e Escravidão. De modo articulado com outros componentes, as apresentações serviriam para pontuação dos alunos como nota complementar.

No encerramento da reunião, sentei-me com o professor e apresentei o meu projeto, os objetivos, a finalidade e o roteiro a percorrer. Entusiasmado, ele topou ceder suas aulas de Filosofia e Artes para a coleta de dados e apresentação do tema. Depois de longa conversa ele solicitou que o projeto fosse estendido às outras turmas que ele ministrava aula no período noturno, e assim ficou acordado, apresentaria a minha proposta além da turma escolhida, o Eixo VII A, as outras turmas do Eixo VI A e B e o 2º ano do Ensino Médio.

Esse foi o primeiro desafio encontrado durante o desenvolvimento da pesquisa, ter acesso a turma do 2º ano do Ensino Médio, iniciar com eles a minha primeira experiência em sala de aula com o projeto. Naquela noite, estava presente em sala, não mais que 10 estudantes, todos adultos. Esse encontro, seria de observação, esse contato era apenas para conhecer a dinâmica da sala de aula e a interação dos alunos com o professor. E como acontece nos estágios obrigatórios do curso de pedagogia, fui logo inserido na discussão do contexto da aula, nada de sondagem e observação, ou não somente isso.

Fui apresentado ao texto “A história do Futebol feminino”, que traça uma linha do tempo desde o surgimento da categoria futebolística, marcos importantes de sua ascensão, e como é tratado atualmente pela sociedade. A metodologia utilizada foi a leitura participativa, na qual cada aluno lia um fragmento do exposto e trazia suas impressões acerca do que acabara de ler. Nesse momento, a turma contava com cerca de 15 alunos, e sua maioria composta por mulheres

adultas. O que pude observar, era que havia pouca interação feita pelos alunos/as, principalmente pelas mulheres, já que o texto além de abordar a luta pelo reconhecimento do futebol feminino com uma categoria igual à do masculino, revelava a força das mulheres que lutam desde a época de 1940 pela profissionalização do esporte.

As alunas mesmo com a indagação feita pelo professor, permaneciam em silêncio e não participavam, não havia retorno, por alguma questão, o texto ou até a leitura feita por elas, não despertava para trazer ao ponto central da discussão, suas impressões e críticas acerca do que estava presente no texto. Naquela oportunidade, questionei ao professor por que havia escolhido aquele tema e ele me informou que o propósito era coincidir com a Copa do Mundo Feminina de 2023, porém, como houve alguns acontecimentos que levaram a escola a suspender as aulas, não foi possível trabalhar o texto concomitantemente com o evento. O professor confessou acreditar que por esse motivo faltou a participação das mulheres jovens e adultas. Pode-se dizer que o texto, para uma pessoa letrada era, de certo modo, de fácil entendimento, mas era preciso que se fizesse um link com a realidade das estudantes, buscando abordar temas que se aproximassem das rotinas e histórias de vida. O mesmo texto, segundo o professor, seria trabalhado com todas as turmas do noturno, da EJA ao 2º e 3º ano do Ensino Médio Regular.

3 O PERFIL DOS/AS ESTUDANTES JOVENS E ADULTOS DO EIXO VII DO CEACM

Para iniciar o projeto e seguir com os objetivos previstos, foi necessário primeiro conhecer os alunos frequentadores dessa modalidade. Para colher essas informações foi preciso um encontro com a diretora que estava substituindo o atual diretor da unidade. Em conversa, ela apresentou o ementário com a organização curricular da Educação de Jovens e Adultos - EJA, na rede pública estadual. No documento é possível analisar as medidas e perspectivas de orientação para as instituições e a equipe pedagógica acerca do fortalecimento de políticas públicas para essa modalidade.

O estado da Bahia adota para a aplicação da modalidade da EJA, 03 ofertas de ensino:

O Tempo Formativo I e II que vai da alfabetização ao ensino médio, trabalhado na perspectiva de 03 Segmentos, 07 Eixos Temáticos, em 07 anos e de modo presencial, para jovens, adultos e idosos a partir de 18 anos, o curso tem uma carga horária anual de 800h;

O Tempo Juvenil I e II, também é desenvolvido na perspectiva de 03 Segmentos, da Alfabetização ao Ensino Médio, com 07 Etapas de aprendizagem, em 07 anos de modo presencial para adolescentes e jovens a partir de 15 anos, nas Unidades Escolares e na Socio educação, o curso tem uma carga horária anual de 1000h;

O Tempo de Aprender I e II, que traz uma abordagem semipresencial e semestral, na perspectiva da Área do Conhecimento e da matrícula de até 03 Componentes Curriculares por semestre, num período integral de 02 anos, para jovens, adultos e idosos a partir de 18 anos em cada Etapa da Educação Básica: anos finais do Ensino Fundamental e Ensino Médio, o Curso tem uma carga horária anual de 1.760h. O Tempo de Aprender é desenvolvido em 02 ou 03 dias na semana de modo presencial e 01 ou 02 dias de modo virtual, por meio de atividades no Google Classroom, WhatsApp, Google Meet e demais plataformas digitais desenvolvidas pelo professor. (Equipe de Elaboração do Organizador Curricular da EJA - OCEJA 2022)

Sendo o Tempo Formativo II, que compreende ao Ensino Médio, no segmento III é oferecido pela escola para a modalidade da Educação de Jovens e Adultos. O segmento III, segundo o documento, compreende a 02 etapas, em dois anos, Eixo VI e Eixo VII. o Eixo VI o aluno cursa o 1º e 2º ano e o VII o 3º ano do Ensino Médio. Ainda segundo o documento, nos Eixos não há retenção dos estudantes por frequência e sim, pela construção ou não de conhecimento durante o percurso.

No primeiro dia de visita às turmas da EJA, o que chama a atenção, é o número de alunos presentes durante a aula, foi um choque de realidade me deparar apenas com 4 alunos no Eixo VI A, 6 alunos no Eixo VI B e 10 alunos no Eixo VII. Os alunos dessa modalidade enfrentam dificuldade de permanência, seja pela carga excessiva de trabalho ou por incompatibilidade de horário disponível. Porém, o que chama atenção ao verificar os diários de classes, é o número expressivo de matrícula na EJA, entre as três turmas estão matriculados em média de 36 a 40

alunos por sala. Segundo o professor, é normal as turmas do segmento iniciarem o ano letivo com muitos alunos matriculados, e no decorrer dos meses esse quantitativo diminui drasticamente, chegando ao final do ano com 10 a 15 alunos por sala. Questionado sobre o principal motivo, o professor, informa que a violência vem contribuindo muito para a diminuição da frequência dos alunos, “outro dia mesmo, a escola precisou suspender as aulas por conta da guerra entre facções que aconteceu no bairro”.

Em conversa com a coordenadora pedagógica, questionei o número significativo de alunos matriculados, e o quantitativo de desistência. Segundo a coordenação, o aluno trabalhador é o que mais abandona a escola, o fato é atribuído a rotina exaustiva de trabalho, ela afirma que, em todos os contatos que teve com os estudantes que desistiram, todos justificaram o trabalho como agravante para o abandono pela segunda vez dos estudos. Os alunos contam, que ainda na madrugada saem de casa para a jornada de trabalho em bairros distantes e mesmo retornando para casa que fica próximo à escola, não se sentem com “força” para ir à escola.

Outro agravante apontado, é o aumento expressivo da violência no bairro onde vivem os estudantes e a localização da escola. Os alunos apontam para a violência constante nos seus bairros, como tráfico de drogas e guerras de facções, e a localização da escola situada em bairro também violento.

A Educação de Jovens e Adultos no Brasil, vem “ganhando” “novos” frequentadores, adolescentes com idade entre 15,16,17 anos, passaram a migrar para o noturno para dar continuidade à formação para conclusão do Ensino Médio, fenômeno conhecido como juvenalização da EJA. Esse fenômeno é notado em todas as turmas do noturno, desde o segundo e terceiro ano do Ensino Médio Regular ao Tempo Formativo - Eixo VI e VII, do Colégio Estadual Antônio Carlos Magalhães.

Para levantar os dados do perfil dos estudantes frequentadores dessa modalidade, foi realizado em sala de aula a aplicação do “Questionário de Entrevista aos Alunos da EJA” (anexo 1). A princípio seria realizada uma entrevista individual, porém, com o curto período fez-se necessário que cada um respondesse o questionário. No cabeçalho, informações como, nome completo, idade, gênero, cor/raça, ocupação, endereço, ajudaram a compreender e conhecer o perfil dos alunos do Eixo VII.

3.1 Rodas de Conversa e relatos de experiências dos/as estudantes do Eixo VII

No total de 13 alunos entrevistados, sendo 08 alunas com idade entre 20,40 e 54 anos, e 06 alunos com idade entre 19, 21, 58 e 60 anos, todos se autodeclararam pardos ou negros, trabalhadores autônomos, diaristas, manicure, dona de casa e trabalho informal (sem registro em carteira de trabalho), evidenciando o perfil socioeconômico do público frequentador da Educação de Jovens e Adultos. Em debate realizado em roda de conversa, alguns de modo tímido falaram um pouco sobre sua chegada ao EJA. As alunas adultas trouxeram relatos de experiências que impactaram na permanência na escola no tempo “regular”, contaram que precisaram sair da escola para trabalhar como empregada doméstica para ajudar no sustento da família. Em relato em tom de desabafo com indignação alguns alunos trouxeram depoimentos sobre sua vida e sua chegada até a Educação de jovens e Adultos:

“Eu vim do interior da Bahia para morar com minha madrinha e ajudar a tomar conta dos seus três filhos enquanto ela trabalhava. Sempre gostei de estudar e ela me incentivava, à noite eu ia para escola. Lá, ainda no ano que eu cheguei conheci meu marido e com pouco tempo de relacionamento engravidei. Parei de estudar para casar e cuidar dos meus filhos, só tive dois. Meu marido era um homem péssimo e não deixava que eu retornasse para a escola. Já com meus dois filhos todos criados, resolvi me separar, e hoje com incentivo deles voltei para escola. Quero terminar de concluir meus estudos para fazer curso técnico de cuidadora de idosos, sempre gostei de cuidar do outro e com a formação terei mais capacidade para isso.” (Lima, 2023, 58 anos)

Lima, começa seu discurso como quem inicia uma prece, cabeça baixa e os olhos fechados. Conta com riqueza de detalhes todos os acontecimentos que não permitiram dar continuidade aos estudos. Depois de narrar o período que a trouxe para a capital, ela não esconde mais seu olhar, segurando com as duas mãos a caneta, fala da importância de estar todos os dias na escola e a vontade de aprender mais, sem desistir dos seus objetivos, independentemente da idade.

Assim como Lima, muitas mulheres acabam desistindo de frequentar a escola por dedicação exclusiva ao marido, filhos e ao lar. E só depois, dos filhos adultos ou rompimento da relação com o marido, que em muitos casos, são machistas e violentos, é que retornam para a escola.

O que difere um relato do outro, é a trajetória que cada um escolheu caminhar. Lima aponta o que viveu e precisou vivenciar para retornar à escola, dentro do mesmo contexto de retorno, está Oliveira:

Parei de estudar porque precisava ajudar em casa, era o filho mais velho de 4 irmãos. Desde cedo trabalhei para ajudar os meus pais e por isso tive que abandonar a escola, precisava ajudar em casa. Sempre gostei de ler muito, e mesmo não estando dentro da escola sempre lia revistas, jornais e livros, nunca parei de ler. Não me arrependo de ter deixado a escola, sentia orgulho de ajudar meus pais na criação dos meus irmãos mais novos, trabalhando desde cedo. Sempre mantive a esperança de que retornaria a estudar e hoje estou aqui para finalizar os estudos, e iniciar um curso de capacitação para ajudar na administração do meu comércio. (Oliveira, 2023, 60 anos)

O Sr. Oliveira, chama a atenção pela presença da juventude que irradia do seu corpo, é através do modo de se vestir que é percebido. Não aparenta ter a idade que carrega do tempo, e brinca sem timidez nenhuma ao colocar a data de nascimento para que seja feito o cálculo, 04/09/1963, 60 anos, é um jovem senhor. Reitera que mesmo tendo parado com os estudos, estar novamente em sala de aula para finalizá-los é muito importante para ele. A vivência do Sr. Oliveira, e dos outros estudantes, jovens e adultos que frequentam a modalidade EJA, todos que estão presentes nesse ambiente, em um certo momento da vida, precisou fazer a escolha de permanecer estudando ou ingressar no mundo do trabalho para a manutenção da subsistência. É a realidade dos alunos que estão na EJA, que trazem a esperança através da educação uma “virada de chave” em suas vidas, seja pela certificação da conclusão do Ensino Médio e para além disso, ingressar em instituição de ensino superior para iniciar um curso que sempre almejou realizar outrora.

Em outro depoimento Guimarães, que apresenta semelhanças e diferenças daqueles revelados acima por Lima e Oliveira, narra os obstáculos que enfrenta para permanecer na escola. Primeiro, precisou mudar de turno para “ter o bebê” e hoje permanece na escola no noturno para dedicar-se ao trabalho, para sua manutenção e a do seu filho.

Eu vim para o noturno pois preciso trabalhar no período diurno pois preciso ajudar na criação da minha filha, hoje com 2 anos. Eu engravidei estudando no matutino, no 8º ano. Meu namorado também estudava na mesma escola e turno que eu, nos conhecemos lá, logo depois descobrir a gravidez, e até pensei em interrompê-la, mas já se passavam alguns meses e decidi levar adiante. Logo depois do nascimento da minha bebê, o pai dela rompeu comigo, e hoje é minha mãe e minhas irmãs que tomam conta dela para eu ir trabalhar. A noite eu passo em casa ajeitando as coisas e corro para a escola, não costumo faltar, e gosto muito de estudar, quero mudar minha vida e a da minha filha. Quero que ela tenha um futuro diferente do meu, que ela possa estudar e se tornar alguém importante. Não queria estudar a noite, acho o ensino muito fraco, mas por trabalhar o dia todo, só a noite é que posso estudar” (Guimarães, 2023, 18 anos)

A história de Guimarães dentre todas, é a que mais me toca, uma jovem de 18 anos, mãe, diarista e sonhadora por dias melhores, para ela e seu pequeno rebento. Ela começa a falar de sua trajetória de vida, fitando intimamente os meus olhos, sem desviá-los um segundo

sequer, somente quando começa a falar da filha, é nesse momento, que seu olhar mareja muda de direção e transborda em lágrimas, é difícil conter a emoção e sua voz de imediato embarga. Uma jovem mulher, pequenininha, magrinha e com os cabelos Black Power imponente, tem uma dicção incrível, conta sua história sem nenhuma “vergonha” ou timidez, e dispara a falar tranquilamente.

Contra que sofreu bastante preconceito por partes dos colegas do matutino, e por esse motivo não esperou o ano letivo para trocar de turno, mudou no meio do semestre, “eles me olhavam de canto de olho, os meninos, as minhas colegas poucas permaneceram comigo, as mães tinham proibido.” (Guimarães, 2023, 18 anos)

Assim como Guimarães, outras tantas adolescentes, adultas e idosas, que tiveram que interromper seus estudos para cuidar dos filhos, trabalhar para ajudar em casa ou se tornarem donas de casa gerenciando os afazeres e cuidando dos filhos.

Vim parar no noturno, pois fui transferida de outra escola depois que tive um problema com uma colega de classe. A direção achou melhor solicitar a minha transferência para essa escola no turno matutino, chegando aqui, não foi diferente, tive um embate com outra menina e solicitei ir para o noturno, até porque, quero terminar logo, e pegar meu certificado de conclusão. Nunca gostei de estudar, como fiquei sabendo que é difícil reprovar no noturno, achei melhor fazer essa escolha. Não costumo frequentar todas as noites as aulas, e quando estou aqui geralmente não tenho muita paciência para ficar na sala ouvindo os professores, e saio para ficar no pátio com o pessoal resenhando. (Pires, 2023, 21 anos)

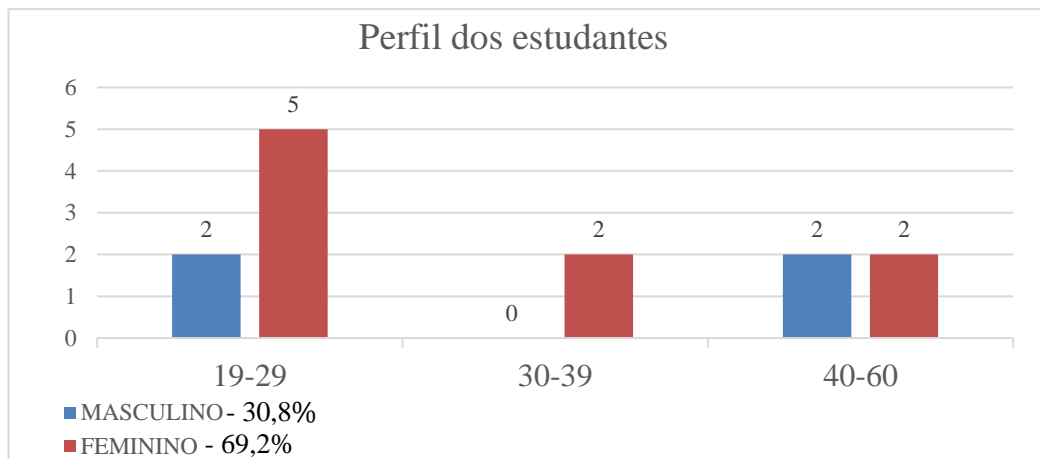
O depoimento de Pires de certo modo não me surpreende, até mesmo pela sua postura. Convocada a participar da roda de conversa junto aos outros alunos que já participavam, escolheu permanecer afastada. Foi apenas com muita insistência do professor que ela resolveu falar. Se expressou em certos momentos com tom de deboche, não levando a sério a discussão que todos estavam inseridos. A maneira de se colocar na discussão, Pires, reflete de certo modo o descontentamento com sua realidade e com o rumo escolhido para sua vida, mãe solteira, 21 anos, cuida da casa e trabalha fora. Não se aprofunda em seu depoimento e finaliza saindo da sala.

O restante dos alunos que não participaram com seus depoimentos, escolheu participar apenas como ouvintes, são tímidos, e mesmo com a intervenção do professor solicitando que falassem sobre suas vivências, entretanto, preferiram se abster e permaneceram em silêncio, um silêncio reflexivo sobre o depoimento do outro que de algum modo ou em partes se assemelham com suas histórias de vida.

3.2 Interesses pela escola, conhecimento e gosto pela literatura de cordel

Foi elaborado com a ajuda do professor Gilmário, o questionário para conhecer o perfil do público frequentadores da modalidade da Educação de Jovens e Adultos – EJA, do Colégio Estadual Antonio Carlos Magalhães. Foram o total de 10 perguntas que contribuíram para o andamento da pesquisa e para futura intervenção utilizando a Literatura de Cordel. Foi possível analisar que todos os estudantes que frequentaram as aulas durante o período em que estive em sala, era em sua maioria do sexo feminino, mulheres jovens adultas e idosas com idade que varia entre 19 e 54 anos, como apresentado no gráfico 1, as estudantes somam o total de 69,2% do público que frequentam as aulas. E as alunas são a que menos faltam durante o ano letivo, como observado na caderneta da turma, emprestada pelo professor para análise.

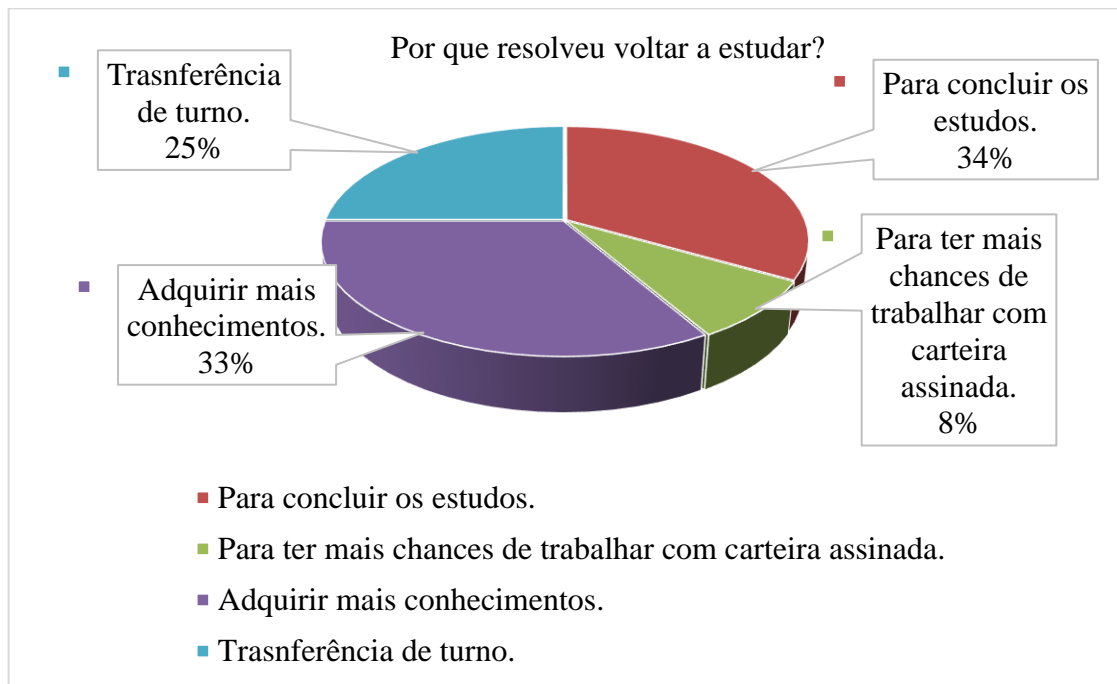
Gráfico 1 - Perfil dos estudantes



Fonte: elaborado pelo autor (2023)

No gráfico a seguir (Gráfico 2), se preocupou em compreender o principal objetivo que influenciou os alunos a retomarem os estudos.

Gráfico 2 - Retomada aos estudos



Com a pergunta inicial do questionário, busquei conhecer o principal objetivo de retorno dos/as alunos/as para a sala de aula. Mantive as respostas das entrevistas como eles escreveram, de modo fiel. Os dados supracitados, dos 13 alunos entrevistados, 34% dos estudantes retornaram aos estudos com o intuito finalizá-los, isso quer dizer que 8 alunos têm esse propósito.

É nesse objetivo inicial que eles apontam, que “fixa” minha atenção para essa meta, e apresento a seguinte análise: de todos os 40 alunos matriculados no início do ano, apenas 15 ou 18 no máximo continuam frequentando as aulas, mesmo cientes que inseridos nessa modalidade de ensino, na Educação de Jovens e Adultos – EJA, eles não serão reprovados por falta, e sim pela construção ou não de conhecimentos adquiridos durante o seu percurso.

Mesmo com essa informação, os estudantes da EJA do Colégio Estadual Antonio Carlos Magalhaes, desistem de estudar e se vêm “aprisionados” em uma rotina dura e cansativa, de um itinerário que não permitem que eles frequentem e permaneçam na escola, revelando que a educação e o estado lhe negam novamente o direito a educação, contribuindo para que esses alunos perdessem a vida inteira sem a possibilidade de enxergar-se como sujeito atuante e pertencentes a uma sociedade, e repetindo um ciclo interminável, porém institucional, que não garante e/ou nega a possibilidade de ascensão social.

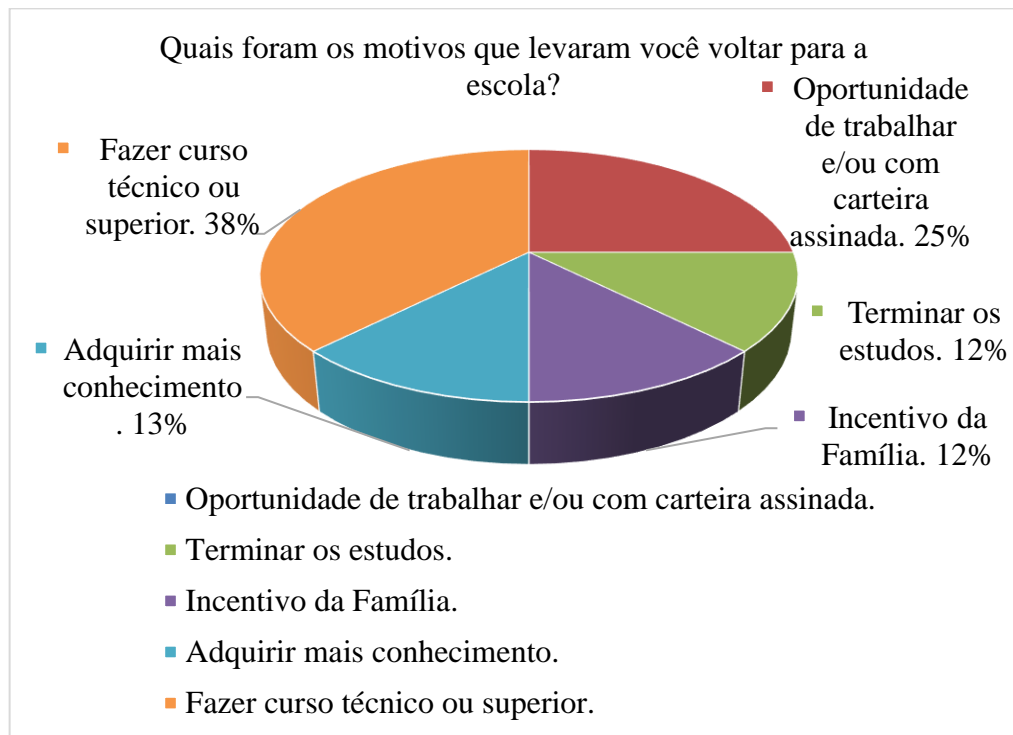
Dos 13 entrevistados, 33% responderam que resolveram voltar a frequentar a sala de aula, para adquirir mais conhecimento. O Sr. Oliveira, está presente nessa porcentagem porque enxerga na oportunidade de voltar a frequentar as aulas tanto para terminar os estudos, quanto continuar estudando para “aprimorar-se”. Nesses dados o que preocupa, é que os estudantes jovens e adultos com idade entre 19 e 29 anos, não demonstram estarem inseridos na EJA para aprender mais ou em busca de conhecimento e sim, a meta deles é “pegar” o certificado de conclusão para irem em busca de emprego.

Desse quantitativo apenas 8% estão determinados ou demonstram querer “finalizar” os estudos para obter melhores condições de trabalho, com carteira assinada. Os alunos que somam 25%, não pararam de estudar, eles contam que preferiram trocar de turno pois necessitam obter o certificado de conclusão para saírem da escola. Eles não informam o motivo dessa “saída” se é para conseguir emprego ou simplesmente finalizar os estudos.

No gráfico 3, algumas das respostas se repetem com a primeira pergunta do questionário, como, *adquirir mais conhecimento, emprego com carteira assinada e terminar os estudos*. Embora a segunda pergunta seja semelhante com a primeira, através dela busquei conhecer a “válvula” motivadora que influenciaram os alunos a voltarem para a escola, no caso dos adultos e idosos, agora inseridos na Educação de Jovens e Adultos.

Antes mesmo de responderem o questionário, em conversa com os estudantes, eles apontaram os principais motivos que foram importantes para essa retomada. Os idosos, contam que foram os filhos e familiares que os motivaram a voltar a estudar, outros narram, que estão em sala para aprenderem mais e até mesmo fazer um curso de nível técnico ou superior. Os jovens, apenas contam que precisam finalizar os estudos para terem a certificação, e que as mulheres que não são mães por exemplo, estão estudando motivadas a terem oportunidade de empregabilidade mais favorável.

Gráfico 3 - Motivos da retomada



Fonte: elaborado pelo autor (2023)

Nas respostas da segunda questão, a *oportunidade e emprego com carteira assinada*, aparecem em várias respostas, associadas a melhores condições de trabalho, subir de nível dentro da empresa, conseguir trabalho registrado e concluir os estudos.

Como citado anteriormente, algumas respostas se repetem. Os estudantes que somam o total de 38%, almejam em após a conclusão e certificação, ingressarem no ensino técnico ou superior. É uma porcentagem bastante significativa levando em consideração o número de estudantes entrevistados.

A reflexão que faço nesse momento, é que as duas palavras citadas em suas respostas, são exatamente o que falta na base da estrutura desses estudantes quando iniciam a vida escolar, e retornam para o colégio justamente em busca do que lhes foi negado “oportunidade”, a oportunidade de permanecer estudando sem a possibilidade de interrupção, estamos falando de políticas públicas de permanência, desde o início de sua jornada escolar, políticas que permita que o jovem estudante seja visto como um indivíduo e não como um objeto pertencente a uma classe social inferior.

Os estudantes, Anjos, 58 anos e Line, 39 anos, é possível observar através da escrita, que eles estão no nível silábico-alfabético, eles entendem que a sílaba possui mais de uma letra, e assim constroem palavra relacionando as letras. E Anjos e Line, responderão todo o questionário dessa maneira.

Seguem as respostas da terceira pergunta: Seus familiares, amigos e colegas lhe incentivaram a retomar ou iniciar os estudos? De que forma?

- Teixeira, 42 anos** - “Não! mais vi que tinha uma enorme necessidade.”
Santana, 20 anos - “O incentivo partir da minha pessoa.”
Araújo, 20 anos - “Votando pra estudar pra eu fazer meu curso que eu sempre quis.”
D.J, 22 anos - “Sim! Me dando força pra continuar estudar.”
Vídero, 19 anos - “Não! Eu mesmo que desidir.”
Pires, 21 anos - “Minha me incentiva olhando meu filho.”
Lima, 54 anos - “Sim.”
Line, 39 anos - “Miniha - mimáé.”
Anjos, 58 anos - “Muto mi pegutava não ai eu repodia quda da tua vida.”
Pereira, 25 anos - “Falando que eu tenho que estudar para ser alguem na vida.”
Oliveira, 60 anos - “Um professor que mim conhecia a muito tempo mim incentivou. Eu tinha muita vergonha de voltar a estudar mais agora sim.”
Cardoso, 36 anos - “Eu incentivo para estudar.”
Sousa, 22 anos - “De forma quê volti para escola para concluir.”

Dos incentivos que levam os estudantes do Eixo VII B a voltar a estudar, alguns não receberam nenhum tipo de “ajuda”, é o próprio estudante que decide voltar, pois, enxergam a necessidade de estarem inseridos em sala de aula com o objetivo de concluir os estudos. As mulheres que são mães, como Pires, 21 anos, recebe ajuda de sua mãe para cuidar do filho enquanto trabalha e vai estudar. O Sr. Oliveira, 60 anos, traz um relato interessante na sua resposta, conta que sempre teve muita vergonha de voltar a estudar, e foi através de um professor que ele conhecia que partiu o incentivo, e ele decidiu voltar a estudar. Além das diversas motivações e de seus objetivos, nas entrelinhas da resposta da 3ª questão, é possível observar, que alguns dos estudantes trazem consigo, e que parte do próprio ser, o impulso, desejo, querer de estar na escola. E mesmo a vergonha, a idade “avançada”, não se põe como empecilho ou obstáculo para a realização da finalização dos seus estudos.

Na quarta questão indagou-se, você sofreu algum tipo de crítica ou preconceito por ter voltado e começado a estudar?

- Teixeira, 42 anos** - “Sim! Tive que passar por várias e ainda acontece mais tudo bem.”
Santana, 20 anos - “Não.”
Araújo, 20 anos - “Não.”
D.J, 22 anos - “Não.”
Vídero, 19 anos - “Não.”

Pires, 21 anos - “Sim, muitas pessoas falam pra quê volta pra escola.”
Lima, 54 anos - “Não.”
Line, 39 anos - “Sim.”
Anjos, 58 anos - “Eu xamava vamu etuda.”
Pereira, 25 anos - “Não.”
Oliveira, 60 anos - “Sim meus colegas mim critica muito mais fiquei mais forte com as cosação. Ruim esse tipo de repreção.”
Cardoso, 36 anos - “Não.”
Sousa, 22 anos - “Não.”

A estudante Teixeira, 42 anos, que sofreu e sofre críticas por retornar à escola, na sala de aula, pude observar que ela é uma aluna retraída, silenciosa, quieta e tímida. Muito desse comportamento está intrínseco em sua subjetividade, o peso das críticas que ela sofre em sua rotina. É uma mulher negra, diarista e moradora da periferia, é uma das poucas estudantes adultas que está sempre vestindo a farda do colégio. O julgamento, opinião do outro e comentários, interferem negativamente em seu comportamento, é possível analisar durante as aulas expositivas do professor, que ela é uma aluna que não interage durante a aula e muito menos socializa com os colegas. O Sr. Anjos, 58 anos, em outra oportunidade, trouxe falavas bastantes expressivas sobre o seu retorno para a escola, ele aponta os colegas e vizinhos como os principais julgadores da sua decisão, narra que todas as vezes que passa com a farda do colégio ouvi piadas e chacotas, e que mesmo assim, não tira a vontade dele de ir para a escola, e com tom de brincadeira convida os “juízes” para irem estudar também.

Na questão de número cinco indagou-se o que você esperava da sala de aula quando voltou para escola? Depois que chegou na sala a esperança mudou?

Teixeira, 42 anos - “Um lugar em que eu mim sentiria envergonhada, o que mudou foi que gostei e mim sinto feliz.”
Santana, 20 anos - “Uma melhora, mas parece que o povo voltaram com 10 coisas diferentes no corpo.”
Araújo, 20 anos - “Não esperava nada.”
D.J, 22 anos - “Sim vontade so almenta de continuar.”
Vídero, 19 anos - “Nada de mais, so quero acabar logo.”
Pires, 21 anos - “Esperava que quase ninguem vinhece. Porque o ano passado na escola que eu estudei não ia ninguem.”
Lima, 54 anos - “Ser tecnido de enfermagem.”
Line, 39 anos - “Sim, feliiz.”
Anjos, 58 anos - “Sepé eu gotre di i tuda.”
Pereira, 25 anos - “ Não esperava muita coisa.”
Oliveira, 60 anos - “Sim fique muito feliz mudei minha auto estima.”
Cardoso, 36 anos - “Sim é munda.”
Sousa, 22 anos - “Não esperava nada de mais não!.”

Os estudantes quanto às suas expectativas ao retornar para a escola, eles não apontam isso de modo “direto”, alguns respondem que não esperava “muita coisa” e não definem exatamente o que ansiavam com o retorno. Atribuem o estado de felicidade com o retorno, e

essa volta não fica clara, se eles estão se referindo a retomada dos estudos para concluir, ou o retorno presencial das aulas pós pandemia da COVID19, visto que, Pires, 21 anos e Santana, 20 anos, atribuem a volta para o colégio a frequência dos alunos e ao modo de comportamento.

A aluna Teixeira, 42 anos, diferente do que eu pude observar do seu modo de portar-se durante as aulas, em sua resposta, ela se diz feliz e satisfeita, e que não sente vergonha em frequentar as aulas.

O Sr. Oliveira, 60 anos, relaciona a autoestima e ao estado de felicidade, a oportunidade de estar inserido novamente na escola. É exatamente isso que se observa, ele é bastante participativo e comunicativo, durante as intervenções se mostrou bastante interessado pela temática, interagiu ativamente, com perguntas e contribuições acerca do que era apresentado.

Ao que parece as respostas a sexta pergunta, você sabe ler, foram quase unânimes

Teixeira, 42 anos - “Um pouco mais quero aprender mais.”

Santana, 20 anos - “Sim.”

Araújo, 20 anos - “Sim.”

D.J, 22 anos - “Sim.”

Vídero, 19 anos - “Sim.”

Pires, 21 anos - “Sim.”

Lima, 54 anos - “Sim.”

Line, 39 anos - “Sim.”

Anjos, 58 anos - “Si.”

Pereira, 25 anos - “Sim.”

Oliveira, 60 anos - “Sim leio muito bem.”

Cardoso, 36 anos - “Sim.”

Sousa, 22 anos - “Sim.”

Mesmo com orientação do Professor Gilmário a respeito se fazia necessário manter a 6ª questão, decidir não substituir e deixei no questionário com o intuito de verificar as respostas e ao mesmo tempo servir de provocação aos alunos, e não foi diferente do esperado. Durante o tempo em que estavam respondendo as questões, em momentos diferentes fui solicitado por eles para sanar a dúvida sobre a questão. Os questionamentos como “professor, seu não soubesse ler, não estaria preenchendo o questionário” “Seu não soubesse ler não estaria na sala de aula” “professor, como eu respondo essa questão? Eu sei ler, mas não muito, ainda tenho dificuldades”. Foi partindo dessa questão que serviu como sondagem para conhecer o nível de leitura dos estudantes. Em suma maioria todos responderam que SIM, que sabiam ler.

A sétima pergunta está relacionado ao interesse e o gosto pelas leituras: O que você gosta de ler? Como é que faz a leitura?

Teixeira, 42 anos - “Livros, revistas e a Bíblia. Devagar.

Santana, 20 anos - “Livro de auto conhecimento.”

Araújo, 20 anos - “Livros mas de vez em nunca.”

D.J, 22 anos - “Romance, lendo normal.”

Vídero, 19 anos - “Motivacional, filosofia, astronomia e mangá.”

Pires, 21 anos - “Não gosto de ler.”

Lima, 54 anos - “Bíblia.”

Line, 39 anos - “Um pouco de tudo.”

Anjos, 58 anos - “Gotu di tudo.”

Pereira, 25 anos - Não respondeu.

Oliveira, 60 anos - “De tudo pois a leitura muda as pessoas e a forma de ver as coisas.”

Cardoso, 36 anos - “Quadrinha de turma mónica.”

Sousa, 22 anos - “Pra falar a verdade não gostou muito de ler.”

Os estudantes especificaram suas preferências de textos/livros e as classificações quando decidem fazer uma leitura. Durante as aulas eles pontuaram que as leituras eram feitas no smartphone, através de aplicativos como “TikTok” e “Kawai” que são aplicativos de mídia e compartilhamento de vídeos de todos os gêneros e gostos. Vídero, 19 anos, fala que costuma ler nesses vídeos mensagens motivacionais com o intuito de autoajuda.

O Sr. Oliveira, 60 anos, acrescenta que a leitura é capaz de mudar as pessoas e que por isso, ele costuma ler muito, de tudo um pouco, conta que sempre que pode ler algumas revistas, e prefere o livro de “papel” a leitura utilizando o celular, mas que mesmo assim, vem tentando se acostumar a fazer a leitura através da tela digital. A estudante Teixeira, 42 anos, informa que faz a leitura de livros, revistas e a Bíblia, porém “devagar”. As alunas Pires, 21 anos e Sousa, 22 anos, respondem que não gostam de ler, não informam o motivo. Durante o período em que estive presente em sala, as referidas alunas, pouco permanecem na aula e a todo o momento interrompem o professor durante sua explicação.

Mesmo com os apontamentos feitos pelos estudantes acerca das classificações e quais objetos (livro, revista, smartphone) utilizam para ler, os alunos não se recordam por exemplo, qual foi a última leitura feita por “livre escolha” e muito menos do último material entregue a eles pelo professor para discussão em sala para nota.

A pergunta número oito se preocupou em saber: Que tipo de coisa / texto / imagem você costuma ler?

Teixeira, 42 anos - “Revista de quadrinho e Bíblia.”
Santana, 20 anos - “Livros de auto explicativo.”
Araújo, 20 anos - “Nem lembro.”
D.J, 22 anos - “Coisa romanticas e suspense.”
Vídero, 19 anos - “Motivacional, filosofia, astronomia e mangá.”
Pires, 21 anos - “Imagem da Internet.”
Lima, 54 anos - “Não respondeu.”
Line, 39 anos - “Um pouco de tudo.”
Anjos, 58 anos - “Di tudo.”
Pereira, 25 anos - “Não respondeu.”
Oliveira, 60 anos - “Gosto de ler. a biblia. revistas. jornais e tudo que tiver letra.”
Cardoso, 36 anos - “Quadrinho de turma mónica.”
Sousa, 22 anos - “Nenhuma.”

As respostas dos estudantes para a 8ª questão, se assemelha com as suas respostas da 7ª questão. Apenas Pires, 21 anos, respondeu que costuma fazer a leitura de imagens pela internet. O Sr. Oliveira, 60 anos, responde que ler tudo que contém letra, nessa resposta ela volta a enfatizar o seu gosto pela leitura, desta vez destacando a bíblia e jornais.

O estudante D.J, 22 anos, informa seu gosto pela leitura romântica e de suspense, e como respondido anteriormente, faz a leitura de forma normal. Cardoso, 35 anos volta a repetir em sua resposta que os quadrinhos da Turma da Mônica são sua preferência na hora da leitura. Vídero, 19 anos, vai pelos mesmos caminhos, volta a repetir sua predileção por conteúdo motivacional, filosofia, astronomia e mangá. Pire, 21 anos informa que faz leitura de imagens na internet e não mostra desde a pergunta anterior o gosto pela leitura. Sousa 22 anos mantém a resposta da questão anterior, e os demais, voltaram a pontuar suas preferências quando vão escolher os gêneros para realizar a leitura.

A nona pergunta está diretamente relacionada ao tema desta pesquisa: Você conhece, já ouviu falar ou leu algum folheto de cordel?

Teixeira, 42 anos - “Sim! Com o professor de geografia que mim deu um livrinho na sala de aula.”
Santana, 20 anos - “Já li alguns.”
Araújo, 20 anos - “Sim quando estudava menor.”
D.J, 22 anos - “Já houve falar, mais nunca li.”
Vídero, 19 anos - “Não.”
Pires, 21 anos - “Não conheço.”
Lima, 54 anos - “Sim.”
Line, 39 anos - “Não.”
Anjos, 58 anos - Não respondeu.
Pereira, 25 anos - “Não.”
Oliveira, 60 anos - “Sim. Gostava muito ainda gosto.”
Cardoso, 36 anos - “Não.”
Sousa, 22 anos - “Não.”

Finalmente a décima pergunta que trata de forma específica desta pesquisa: O que você imagina quando lê ou ouve uma história no folheto de cordel?

Teixeira, 42 anos - “Imagino as historinhas e a mensagem que passam.”

Santana, 20 anos - “Uma história por cada estrofe.”

Araújo, 20 anos - “Fico imaginando o que eu tou lendo.”

D.J, 22 anos - “Não sei porque nunca li.”

Vídero, 19 anos - “Não sei porque não lir.”

Pires, 21 anos - Não respondeu.

Lima, 54 anos - “Literatura de Cordel.”

Line, 39 anos - “Escritura.”

Anjos, 58 anos - “Gera no lão pinão.”

Pereira, 25 anos - “Não sei.”

Oliveira, 60 anos - “Na verdade, eu viajo no tempo gosto de ler as historia de Lanpião e Maria Bonita. Pedro malazarte. As historia João e Maria. São Muitas historia de cordel.”

Cardoso, 36 anos - “Imagino sobre o que é a Literatura.”

Sousa, 22 anos - “Nunca ouvir não kkk.”

As últimas questões, nona e décima serviram como norte para um planejamento mais eficaz no que se refere aos objetivos da minha pesquisa. Dos 13 alunos entrevistados, 6 pontuaram que em algum momento ouviram falar sobre o cordel, e apenas 2 trouxeram respostas com certa “propriedade” sobre o que eles entendiam sobre a literatura de cordel.

O Sr. Oliveiras, 60 anos, não só apontou o fascínio que sentia ao ler as histórias dos cordéis quando responde “...viajo no tempo”, como traz títulos de famosos dos folhetos nordestinos “Lampião e Maria Bonita” “As aventuras de Pedro Malazarte”, demonstrando que sabe e tem contato com a literatura de cordel. O estudante Anjos, 58 anos, durante a realização do questionário fez questão de falar que conhecia várias histórias da referida literatura, e a que mais se recordava era sobre Lampião e seus cangaceiros. Os demais, nesse caso os estudantes mais novos, nunca tiveram contato com os livretos e desconheciam o tema, imaginam de um tudo, história com estrofes, histórias em quadrinho e alguma coisa ligado a literatura.

4 A VEZ DA LITERATURA DE CORDEL: DO MERCADO À SALA DE AULA

Um passeio até a cidade baixa, em uma segunda-feira à tarde, mais precisamente em direção ao famoso e turístico Mercado Modelo, tive a alegria e sorte ao conhecer o espaço que se dedica exclusivamente a venda de cordéis e xilogravuras. Quem estava à frente do espaço era o Xilogravador e poeta, Lenilson, que mantém o local aberto de segunda a segunda. Começo desta forma antes mesmo de discorrer sobre o projeto. Falar sobre essa experiência que contribuiu de maneira significativa para o andamento e realização das atividades com os estudantes da EJA.

Ao lado esquerdo do turístico Mercado Modelo, encontra-se a *Banca dos Trovadores Rodolfo Coelho Cavalcante*, nome em reverência ao grande cordelista e editor de folhetos populares brasileiro. O termo “banca”, remete às bases feitas de madeira e ripas onde se colocava as frutas, verduras, temperos, roupas, dentre outros diversos produtos, em feiras do interior nordestino. Porém, a Banca dos Trovadores, não passa longe dessa configuração, logo na frente da “banca” estão espalhadas as mesas com cordéis e outra mesa onde o artista trabalha. É uma casa construída metade em tijolos e com acabamento em madeira, ripado e sustentada com troncos. Por toda a sua fachada, diversas xilogravuras penduradas em varal, acompanhadas de alguns folhetos de cordel. De modo imponente, a xilogravura que mais chama a atenção é a do poeta, cantador e cordelista Bule - Bule.

Figura 1 - Banca dos Trovadores Rodolfo Coelho Cavalcante (2023)



Fonte: Arquivo pessoal.

Ao me aproximar do local, sou convidado a apreciar os cordéis que estão empilhados e espalhados por toda a mesa, o que me chama a atenção é o cheiro que vem dos folhetos, um cheiro que “denuncia” que são obras antigas e que por muito tempo estão guardadas à espera de apreciadores e compradores. Porém, o cheiro não incomoda, e é agradável ao meu olfato, gosto do cheiro que vem deles. As capas estão com pontos significativos amarelados, e os grampos que sustentam as folhas estão enferrujados contribuindo com o aspecto envelhecidos dos cordéis. Muito provavelmente o consumo / compra dos cordéis não é tão grande a contínua!

São centenas de livretos sobreposto um em cima do outro amarrados a elásticos para que o vento não os carregue. E o vendedor não perde a oportunidade e começa a espalhar os cordéis para que eu tenha acesso a todos e me interesse por alguns. Estão nesses emaranhados de folhetos obras de Rodolfo Coelho Cavalcante, Zuzu Oliveira, Isaías Moreira Cavalcante (ISMOCA), Leandro Gomes de Barros, dentre outros cordelistas. Questiono a ausência de obras de poetas aos quais eu tenho interesse e não encontro em sua mesa, cordéis como os de Franklin Maxado e Antônio Barreto, por exemplo, não estão ali, e o vendedor explica que as obras dos referidos cordelistas não são fáceis de encontrar, e justifica que são muito procuradas por quem se interessa e gosta da literatura de cordel.

Na outra mesa logo ao lado da que estou sentado, está seu Luiz Natividade ministrando um curso de xilogravura a um turista francês. Do lado de cá, eu observo atentamente cada instrução passada ao rapaz que está desenhando uma paisagem em um pedaço de madeira, e logo depois, com o uso da goiva, instrumento para “talhar” madeira, abrindo pequenas fendas contornando o desenho com uma precisão e paciência de um artista, cada linha talhada do desenho, ele ergue a peça para apreciar o “surgimento” da xilogravura. O outro passo do processo ao qual observo, é o momento da utilização do rolo com uma tinta de cheiro forte e acentuado, que é passado sobre a peça, agora já toda talhada. Por fim, o pedaço de madeira é virado sobre uma folha em branco e com ajuda do cabo da goiva é feita a impressão.

Os olhos do turista vibram com o resultado, não diferente também da minha reação. O rapaz fica admirado com a finalização de sua obra, e virando em diferentes posições apreciando cada detalhe talhado que compõe o seu desenho.

Desse encontro, adquiri alguns cordéis: “A filha que bateu na mãe e virou cachorra” de Rodolfo Coelho Cavalcante; “A história de Helena e Valdemar (ou) de como o amor venceu a tolice” de Zuzu Oliveira; “ABC de Rodolfo Coelho Cavalcante o maior cordelista de todos os

tempos! O eterno rei do cordel” de Isaías Moreira Cavalcante; “História da Donzela Teodora” de Leandro Gomes de Barros, e para minha surpresa encontramos “perdido” o cordel “Saúde é o que interessa” de Antônio Barreto. A escolha dos cordéis se deu primeiro pelos autores, e segundo pela curiosidade sobre o tema.

De forma “atrevida” pedi emprestado ao Sr. Luiz Natividade e a Lenilson, que me emprestassem os materiais necessários para trabalhar com os alunos, a produção da xilogravura. Enquanto separava os materiais, Natividade, ia me explicando sobre o uso da tinta e como utilizar o rolo para fazer a impressão: “não é necessário muito tinta, o segredo está em “sujar” bem o rolo em toda sua superfície, e com essa quantidade de tinta é possível fazer várias impressões”. Foram cedidos a mim, as goivas afiadas ali mesmo, pedaços pequenos de madeira, o rolinho e um pote com um pouco de tinta. Fiquei de devolver assim que utilizasse em sala, e até a presente data não conseguir efetuar a devolução.

A Prof. Dra. Andréa Betânia, a qual tive o prazer e sorte de ser aluno em alguns componentes curriculares no curso de pedagogia da UNEB, foi muito importante nesse processo. De modo generoso, confiou a mim parte de seu acervo pessoal dos cordéis do poeta feirense Franklin Maxado, cordéis que durante a Iniciação Científica ajudei a digitalizar e armazenar na nuvem. Obras que apresentei aos alunos e utilizei para intervenção.

4.1 Sensibilização para a leitura de cordéis na sala da EJA Eixo VII

Acordado com o professor Carlos, que cedeu suas aulas para a realização da pesquisa, fiquei incumbido de apresentar o mesmo trabalho que realizei na turma da EJA do Eixo VII, para o restante das turmas. Me senti provocado e verdadeiramente foi um desafio, transitar pelas turmas do noturno, já na segunda semana de visita a escola, foi uma experiência satisfatória e prazerosa. Foi possível contar com o apoio do professor em todos os momentos que, generosamente me passou dicas e conselhos que contribuíram para o enriquecimento do meu trabalho.

No primeiro dia de aula, a turma do Eixo VII contava com a presença de um total de 15 alunos, entre adolescentes, adultos e idosos, daquela vez tinha mais alunos do que da última vez que estive na sala. Na caderneta estão matriculados 40 alunos. Apresentei-me para eles explicando o motivo da minha presença e os objetivos do projeto de pesquisa. Na apresentação, ao longo da conversa propus o seguinte questionamento: vocês conhecem a Literatura de Cordel

ou já ouviram falar sobre? E apenas dois alunos responderam que sim, “Não só já ouvir falar como já li muitos cordéis durante minha vida”; “Eu sei que conta histórias sobre o nordeste e das aventuras de lampião”, e os outros estudantes que não conheciam, após solicitados arriscaram e especularam sugerindo do que se tratava misturando respostas e questionamentos como: “É alguma coisa que tem a ver com poesia!”; “É algum tipo de livro infantil?”; “É o que aquele poeta que fala no programa de Fátima Bernardes faz?”(fazendo referência ao poeta brasileiro Bráulio Bessa) e a discussão rendeu curiosidade por partes dos estudantes.

A aula nesta modalidade de ensino tem duração de 40min, e por conta do avanço da violência no bairro na localidade da escola onde grande parte dos estudantes moram, a equipe gestora junto aos professores decidiram reduzi-la para 30 minutos a hora/aula, infelizmente não foi possível naquele momento aprofundar a discussão.

Para o segundo encontro, planejei a apreciação de folhetos de cordel. Apresentei as/os estudantes os folhetos deixando que alguns exemplares circulassem entre eles para que todos pudessem folhear e conhecer as obras.

Segundo o sociólogo francês David Le Breton em seu livro *Antropologia dos Sentidos*

A visão implica atravessar as espessuras sucessivas que colocam em cena o ver. O olhar demanda uma tomada em perspectiva do real, a consideração da profundidade para desemaranhar o relevo e o recorte das coisas de suas cores, de seus nomes, de seus aspectos cambiantes segundo a distância de onde a vemos, os jogos de sombra e luz, as ilusões engendradas pelas circunstâncias. (Le Breton, 2016, p.87)

Le Breton (2016), diferencia o “ver” e o “olhar” da visão, o antropólogo destaca que existe a floresta do caçador, do turista, do guardador florestal, mil florestas na mesma, mil possibilidades de enxergá-la. É através da xilogravura que os olhares dos alunos percebem e durante as interpretações “apreciam” as figuras, cujas leituras ajudam a formular dúvidas quando apontam: “parece que a heroína Maria Quitéria, estar em cima de um barco que acabou de atracar na areia”; responde outro aluno “se não fosse o título do cordel eu diria que a mulher da capa seria um soldado da rainha da Inglaterra”; “a figura do animal com cabeça de gente, lembra um Lobisomem olhando para a lua”.

São várias as possibilidades de leituras que podem ser feitas a partir das leituras das xilogravuras dos folhetos de cordel. No exercício da sala de aula, cada estudante faz essa reflexão de acordo com “a leitura de mundo” composta por seu vocabulário cultural, a imagem

é logo associada com o seu universo, e logo em seguida é feita a relação com o que mais se assemelha a imagem apreciada.

O cordel “Maria Quitéria, heroína baiana que foi homem” de Franklin Maxado, (Figura 2) foi o escolhido pelos alunos para a leitura.

Os estudantes justificaram a escolha da referida obra porque tratava justamente do 2 de julho, data que marca a Independência do Brasil na Bahia, evento histórico sobre o qual eles/as tinham realizado uma peça, tendo como principal protagonista a personagem histórica Maria Quitéria.

Figura 2 - Cordel: Maria Quitéria, heroína baiana que foi homem.



Fonte: Arquivo pessoal.

Para a aluna que interpretou a personagem na peça, que agora os colegas de classe a chamam de “Maria Quitéria” colaborou com sua fala sobre a leitura feita: “Eu achei o cordel interessante, não sabia que a história de Maria Quitéria poderia ser contada dessa forma, como poesia e rima, é gostoso de ouvir como a história vai ganhando sentido” (Teixeira, 2023, 42 anos). A aluna conta como ao longo da leitura a curiosidade vai aumentando ao passo da leitura de cada estrofe, e como a capa do cordel com a imagem imponente de Maria Quitéria, chamou sua atenção.

Como não foi possível realizar a leitura do cordel “*A filha que bateu na mãe e virou cachorra*” (Figura 3) do cordelista Rodolfo Coelho Cavalcante, também escolhido pelos estudantes para o encerramento da aula, ficou a proposta para o outro encontro. A aula nessa noite teria a duração de 30min, e o professor Carlos utilizou desse tempo para passar atividades aos alunos.

Figura 3 - Cordel: A filha que bateu na mãe e virou cachorra



Fonte: Arquivo pessoal.

Na minha terceira semana no colégio estava programada com os alunos, a apresentação da oficina Cordel Pedagógico - Oficina de Cordel, material organizado por Jotacê Freitas. Porém, para a minha surpresa, ao chegar na escola fui surpreendido pela coordenadora pedagógica solicitando que eu assumisse a turma do 2º do ensino médio regular, que estaria com aula vaga pela ausência do professor do horário. E assim o fiz, faria com eles a mesma apresentação que fiz com o Eixo VII nas duas últimas aulas.

Foi realizada a roda de conversa, e a sondagem para saber se eles conheciam a literatura de cordel, e para a minha surpresa, ninguém ouviu ou teve contato com cordéis. O professor que faltou, teria duas aulas naquela noite, então, eu tinha 1 hora de aula para discutir e apresentar os folhetos de cordel com os alunos. Os estudantes, eram mais participativos e questionadores do que os alunos do Eixo VII, e a todo o tempo faziam intervenções durante minhas falas, querendo aprofundar mais sobre o tema.

Naquela turma, não pude fazer o questionário que apliquei com os estudantes do EJA para conhecer o perfil. Os estudantes aparentavam ter entre 19, 25 e 30 anos no máximo, era uma turma de jovens adultos. Um dos estudantes ficou surpreso com uma das capas dos cordéis apresentado, “A alma de lampião faz miséria no nordeste” de Franklin Maxado, ele conta que a xilogravura remetia a um filme “Motoqueiro fantasma” e o que diferenciava era o chapéu de couro que o piloto carregava na cabeça.

Figura 4 - Apreciação dos cordéis na turma do 2º ano.



Fonte: Arquivo pessoal.

Não diferente do primeiro dia em que estive com os estudantes do 2º ano, a turma durante a atividade só estavam presentes apenas dois alunos, e logo em seguida foram chegando outros, totalizando 10 estudantes. Durante a roda de conversa, foi escolhido o folheto e realizada a leitura do cordel “*A filha que bateu na mãe e virou cachorra*” e mesmo com o tempo corrido, eles pediram que a leitura fosse até o final, pois o enredo da história era interessante.

Um dos alunos presentes comentou que já ouviu falar sobre a história em questão: “Fui criado próximo a minha avó, mãe da minha mãe, e ela contava justamente essa história. Contava que no interior uma mulher tinha virado bicho, pois bateu na mãe na Sexta-Feira Santa, e após o ocorrido ninguém nunca mais teve notícias da moça”. Os casos descritos nos cordéis, partem de narrativas de acontecimentos que circulam na “boca do povo”, por esse motivo, encontramos em muitos folhetos histórias e casos que a população conta de geração em geração, e nesse percurso da oralidade as histórias vão ganhando ou perdendo elementos que de fato aconteceram ou não, mas que são objetos de memória.

4.2 A leitura do folheto “a prostituta virgem e santa” na sala da EJA Eixo VII

Ao finalizar meu encontro com os alunos do segundo ano, fui com o Professor Carlos, para a turma do Eixo VII, para dar início a oficina de cordel. Porém, o professor informou que precisaria utilizar o horário para fazer uma revisão de conteúdo para a semana de avaliação que aconteceria na semana seguinte.

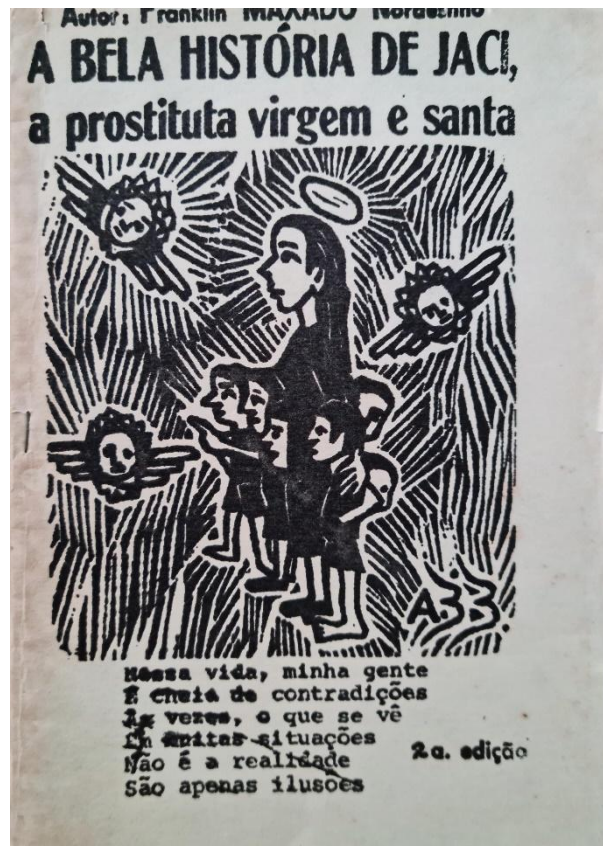
Durante o período em que permaneci em sala, ouvindo a explicação do professor, pude observar o comportamento dos alunos. Todos os estudantes que estavam presentes, em maioria os adolescentes e jovens, não estavam prestando atenção na aula e se distraíam com conversas paralelas e acessando os smartphones, agindo de forma desrespeitosa com o professor, mesmo quando ele solicitava silêncio e cobrava a atenção para o que estava expondo.

Para minha surpresa, um acontecimento bastante desagradável, foi o motivo que contribuiu para a intervenção que seria realizada com os alunos. A aluna Pires, 21 anos, grita da porta para a colega que estava nesse momento no fundo da sala em pé conversando com o colega: “Oh sua vaga... (palavrão), você já está aí no fundo procurando conversa com macho? Já está se prostituindo sua rapariga” com tom de brincadeira a aluna Sousa, 22 anos, respondeu: “Prostituta é você, que os machos ficam alisando no corredor do colégio” e nesse momento de interação entre as duas, me causou bastante desconforto, o professor pede novamente silêncio como se nada tivesse acontecido e prossegue com a aula.

A maneira como elas se trataram gerou um desconforto entre os adultos e idosos que estavam presentes na sala, foi possível observar que eles permaneceram em silêncio e prestando atenção na explicação do professor, enquanto os outros alunos adolescentes e jovens riam bastante, demonstrando familiaridade com o modo de tratamento que Pires e Sousa utilizavam entre si.

Para o próximo encontro, já que não foi possível realizar a oficina de cordel com os alunos, combinei de levar alguns cordéis para que eles apreciassem e escolhessem um para ser lido para a turma. O combinado seria esse. Porém, com o último acontecimento entre as alunas, me levou a reflexão para utilizar um cordel específico “A bela história de Jaci, a prostituta virgem e santa” de Franklin Maxado, que “casaria” perfeitamente com o fato ocorrido.

Figura 5 - A bela história de Jaci, a prostituta virgem e santa.



Fonte: Arquivo pessoal.

De forma bem resumida, a história do cordel citado, narra a trajetória de Jaci, que passou necessidades no interior do Piauí, foi vendida pela mãe há um coronel e para não ser abusada, fugiu e passou a vida se “prostituindo” para não morrer de fome, porém, teve um fim inesperado.

Para o dia da leitura do cordel “A bela história de Jaci, a prostituta virgem e santa”, solicitei aos alunos presentes que organizassem a sala em círculo, e estavam presentes nesse dia além dos 10 alunos do total dos 13 entrevistados, Pires e Sousa, destaco as duas pois foi diante do modo de tratamento mútuo, que escolhi o cordel que seria trabalhado com a turma.

O professor Carlos informou que a aula seria para a intervenção, e que além disso o professor do próximo horário não ia chegar a tempo e seria disponibilizada as duas aulas para mim. Antes mesmo de iniciar a leitura do cordel, comecei aula explicando quem eram os principais “atores” da Educação de Jovens e Adultos – EJA, visto que, durante os momentos que pude observar, os alunos demonstravam bastante desinteresse em estar naquele ambiente.

Foi uma conversa em que utilizei todos os dados informados no questionário, partindo das respostas da pergunta “Por que você resolveu voltar a estudar? ”, e durante toda minha fala tentei sensibilizá-los a refletirem sobre as respostas apontadas. Situar o aluno frequentador dessa modalidade enquanto protagonista da sua vivência escolar, é fundamental para o processo que vai vivenciar durante o ano letivo, norteá-lo enquanto principal sujeito responsável pela construção do seu conhecimento.

Após a finalização do meu discurso, partir para a intervenção, utilizei uma cópia ampliada do cordel sem o título para que eles apreciassem cada detalhe e compartilhassem em voz alta, para todos, que leitura eles faziam, e do que se tratava a história representada pela xilogravura, e as respostas foram as seguintes: “acho que se trata da mãe com seus filhos” (**Teixeira**, 2023, 42 anos); “parece uma mulher em um orfanato com as crianças” (**Santos**, 2023, 20 anos); “uma mãe cuidando dos filhos” (**D.J.**, 2023, 22 anos); “é Irmã Dulce com as crianças e os anjos em volta” (**Oliveira**, 2023, 60 anos); “é uma santa cuidando das crianças e os anjos em volta delas” (**Lima**, 2023, 54 anos).

As respostas trazidas pelos alunos ao analisarem a xilogravura, de um certo modo, partem de um “repertório” cultural da qual eles fazem parte, Oliveira, 60 anos, faz uma leitura comparando a xilogravura a imagem de Santa Dulce dos Pobres, freira baiana canonizada pelo vaticano, ele carrega no peito um crucifixo e a camisa que veste tem estampada a oração de São Francisco de Assis, evidenciando sua fé e devoção.

Após colhido alguns dos depoimentos dos estudantes acerca da leitura imagética realizada por eles, eu revelei o cordel e escrevi no quadro o título, e todos ficaram surpresos com o nome do cordel. Para D.J. (2023, 22anos) “imaginaria qualquer história, menos essa...”, se mostrando espantada com o nome do cordel.

Para iniciar a leitura, primeiro solicitei que todos que estavam presentes prestassem atenção na leitura que seria realizada por mim, e pedi que colaborassem dessa maneira.

Iniciei a leitura pela estrofe que estava na capa:

Nessa vida, minha gente
É cheia de contradições
Às vezes, o que se vê
Em muitas situações
Não é a realidade são apenas ilusões

A cada etapa da leitura, percebi o interesse deles pela narrativa da história, aos poucos, as telas dos smartphones foram apagadas, e toda atenção ficou voltada para mim. Vale ressaltar, que por orientação do Professor Gilmário “treinei” a leitura antes e de modo tranquilo realizei a narração. Ao final do cordel, mesmo conhecendo a história, minha voz embargou, e seguro a emoção. Um silêncio “ensurdecedor” tomou conta do ambiente, e nos olhos das alunas marejados, e outras enxugando as lágrimas, a calma pairava.

Pires, 22 anos, não levantou os olhos, permaneceu de cabeça baixa e com expressão triste, na verdade, a tristeza se fazia presente naquele momento, os homens, retraíam a boca e franzia o cenho com o rumo que Jaci tomou. Lima, 54 anos, que estava próxima a mim, detinha as lágrimas com as mãos, e tentava a todo momento não demonstrar as suas reações/emoções, disfarçava mexendo em sua bolsa revirando alguns objetos, um pouco desconfortada.

Solicitei aos estudantes que de maneira espontânea comentassem o que acharam da história: “é uma história bastante triste e com um fim que ninguém esperava que Jaci tivesse, ela sofreu muito” (Oliveira, 2023, 60 anos); “eu fiquei emocionada com o fim de Jaci, voltar como santa para proteger as crianças que ela cuidava enquanto estava viva, foi muito lindo” (Line, 2023, 39 anos).

Dos depoimentos o que mais me impactou, foi o de Teixeira, 42 anos. Ela estava sentada do meu lado esquerdo, próximo a porta, com sua bolsa a tiracolo apoiada na mesa, começa seu depoimento com as lágrimas escapando dos seus olhos, e em nenhum momento sua voz falha, ela mantém a postura e a firmeza de quem narra uma história com propriedade de fala, e de certo modo ela tem. Conta que cresceu em uma “invasão” próxima ao bairro do Rio Vermelho, conhecido por ser badalado, boêmio e frequentado por turistas. Relata que testemunhou ao longo da vida algumas de suas conhecidas “partirem” para a prostituição, algumas por livre escolha, e outras por necessidade de subsistência, e revela que assim como a protagonista do cordel, Jaci, ela também lutou contra todos os diversos tipos de abusos, ainda em casa, por parte do seu padrasto.

Nesse ponto do seu relato, ela esboça uma feição de nojo:

Ele (o padrasto), tentou abusar de mim muitas vezes, eu estudava de manhã, e passava a tarde em casa ajeitando as coisas, minha mãe trabalhava o dia todo e só chegava depois que escurecia, o meu padrasto chegava antes dela, ela se aproveitava desse momento para se aproximar de mim, com conversa fiada e tentando se aproximar de mim. Todas as vezes que ele tentou alguma coisa comigo eu corria para a rua e ficava próxima ao ponto de ônibus esperando minha mãe e fomos juntas para casa. Graças a Deus não demorou muito tempo e minha mãe largou dele e nos mudamos daquele

lugar. Eu nunca contei isso para minha mãe, e hoje ela está na glória (no céu). Assim como a moça da história, eu prometi para mim mesma que ninguém encostasse em mim se eu não quisesse, e não permitir por muito tempo. Hoje sou casada e mãe de um casal de adolescente, converso muito com os meus filhos e deixo claro que eles podem contar comigo para tudo. (Teixeira, 2023, 42 anos)

Depois do depoimento de Teixeira, todos permaneceram em silêncio, me mantive em pé ao centro da roda de conversa, e destaquei os pontos principais do cordel, apresentando, primeiro para a ressignificação do olhar que temos para a vida do outro e sua trajetória, segundo ponto para o nosso comportamento diante de diversas situações que coloca nossos corpos em perigo e o que fazemos e deixamos ser feito com ele, o nosso corpo. E se tratando das mulheres, esse é um ponto bastante delicado, e usei como exemplo a situação de Pires e Sousa, em outro contexto para que todos percebessem a importância da postura de cada um diante de situações como a que ocorreu em sala. Depois, distribuir entre os alunos folha de ofício em branco, para que fosse dobrada em 4 partes iguais para produção do cordel.

Figura 6 - Produção do cordel.



Fonte: Arquivo pessoal.

Ficou acordado que cada um dos estudantes para a próxima aula trouxessem a produção escrita do cordel, a princípio seria um tema para a turma produzir individualmente, porém, com orientação do Professor Carlos ficou definido que cada um faria a produção a sua maneira e escolheria o tema que iria escrever.

5 LEITURAS E RELEITURAS DOS/AS ESTUDENTES JOVENS E ADULTOS DA NARRATIVA DO CORDEL “A PROSPITUTA VIRGEM E SANTA”

Para o penúltimo encontro com os alunos, ficou combinado que todos os presentes na aula, depois de confeccionar o livreto, iria escrever um cordel a partir de suas escolhas. Antes de iniciar apresentando as produções realizadas pelos estudantes, apresento o “cordel” (Figura 7) que dois alunos produziram e fizeram questão de ler para todos antes mesmo de se formar a roda de conversa para a socialização e leitura dos cordéis.

A estudante Araújo, empolgada, já foi logo dizendo: “Professor, eu e Guimarães, fizemos esse cordel no mesmo dia que o senhor leu a história de Jaci. Gostamos da história e decidimos em dupla criar um nosso, já pensando na possibilidade de o senhor pedir que fizéssemos. Foi trabalhoso, pensamos que seria fácil criar estrofes e produzir as rimas que se encaixassem com o queríamos escrever. Nos conhecemos desde o matutino e viemos quase juntos para o turno noturno. Moramos no mesmo bairro e somos vizinhos. Guimarães é um pouco tímido e eu gostaria de ler”.

Meu Cordel

Meu nome é Guimarães o meu é Araújo

Moramos no mesmo lugar e tenho fé

Tenho fé que vou me mudar

Tenho fé que vou voar

Tenho fé que um dia irei me mudar de lá

Não basta ser criança

Não basta ser adulto

Temos que ter a garra e o impulso

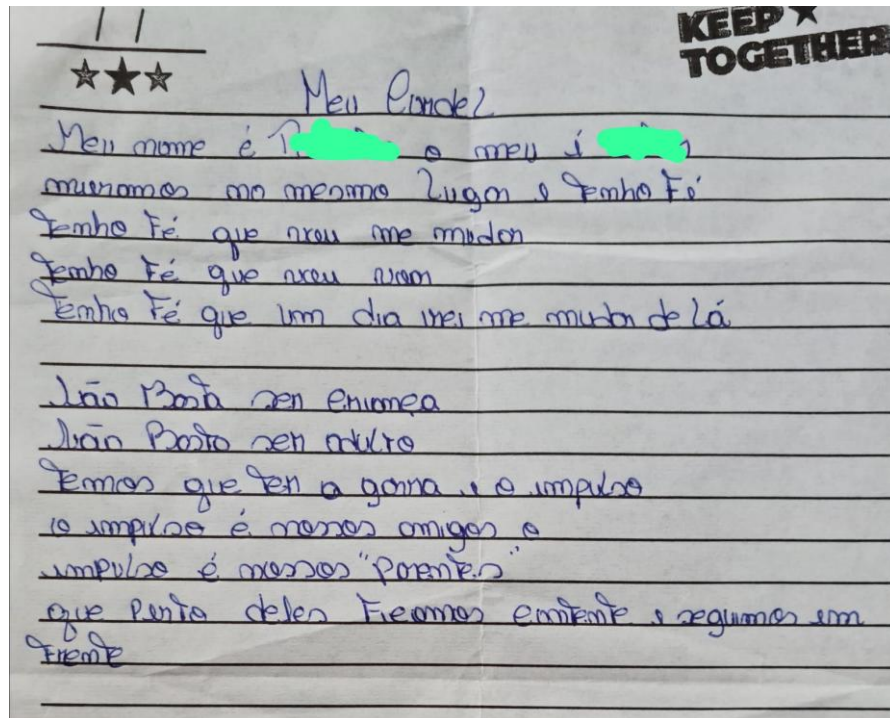
O impulso é nossos amigos o

Impulso é nossos “parentes”

Que perto deles ficamos contentes e seguimos em

Frente.

Figura 7 - Meu cordel (Araújo, 20 anos e Guimarães 22anos).

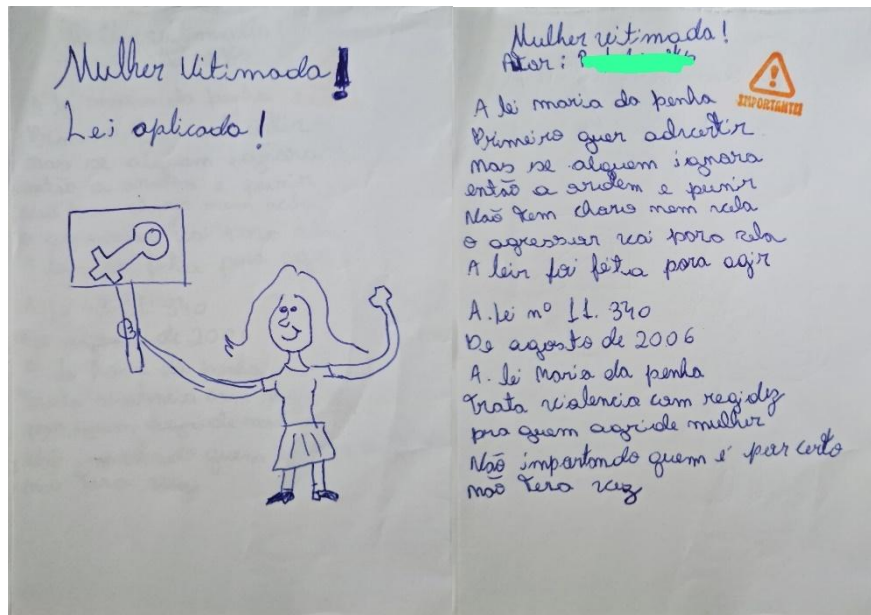


Fonte: Arquivo pessoal.

O que nesse momento “aqueceu” meu coração e me trouxe satisfação em estar presente naquele ambiente, com todas as dificuldades possível, o tempo, cansaço, as adversidades encontradas em sala, foi a empolgação da aluna em socializar com os demais a produção do seu cordel.

Ela inicia a leitura em pé mesmo com a folha do caderno estendida sobre sua mão. Todos prestam bastante atenção e no fim da leitura, Araújo é aplaudida. Nesse momento a sala já estava organizada em círculo e estavam presentes 8 estudantes. Ela me entregou a folha com seu cordel. Exigiu que ele estivesse presente no meu trabalho, com o nome dela e caso fosse necessário tiraria uma foto o segurando. A Araújo, questioneei, “o que era achou do cordel, de produzir?” e ela prontamente respondeu: “Professor, eu gostei bastante do cordel, saber que eu posso escrever dessa maneira, sobre mim, ou sobre qualquer outro assunto é mais legal, e ler para os meus colegas o que escrevi e sentir que eles gostaram, foi uma experiência interessante, e me ouvir lendo também despertou a atenção para o que eu poderia ter acrescentado ou construído mais algumas estrofes.”

Figura 8 - Mulher vitimada! Lei Aplicada! (Vídero, 2023, 21 anos)



Fonte: Arquivo pessoal.

O estudante Vídero, 21 anos, escolheu o tema Violência Contra Mulher. Ele explica que na capa do cordel, representa uma mulher em manifestação cobrando por justiça e direito. O aluno conta, que recentemente na região da escola, eles e outros colegas presenciaram um homem agredindo uma moça, e ficaram indignados por não poderem fazer nada, já que o homem em questão se tratava de criminoso, narra com certo espanto ainda, da truculência com que o homem agredia a mulher. “Por esse motivo resolvi escrever sobre a lei que garante a proteção as mulheres contra agressores.” (Vídero, 2023,21 anos)

MULHER VITIMADA! LEI APLICADA

A lei maria da penha
 Primeiro quer advertir
 Mas se alguém ignora
 Então a ordem é punir
 Não tem choro nem vela
 O agressor vai para cela
 A lei foi feita para agir.

A lei nº 11.340
 De agosto de 2006
 A lei maria da penha
 Trata violência com rigidez
 Pra quem agride mulher
 Não importa quem é o por certo
 Não terá vez.

É possível notar na produção do aluno Vídero, a releitura que ele faz a partir do cordel trabalhado em sala de aula, que narra a vida de Jaci. Ele traz a mulher para o centro da sua criação, fazendo alertas sobre a prática da violência acometida cada vez mais por elas. O

estudante começa escrevendo sobre a lei, e ao longo do texto vai apresentando alertas para os agressores que comentem o crime.

Ele “invoca” a lei Maria da Penha, e cita o número e o ano de publicação, evidenciando que ele, procurou pesquisar sobre o tema que desejou escrever, e trouxe para a sua escrita, elementos como, a informação sobre a lei que “trata a violência com rigidez”, o ato de agressão contra as mulheres.

Já para o aluno Pereira (2023, 25 anos) ao tentar produzir o cordel, mesmo escolhendo o tema, não foi uma tarefa fácil: “Professor, eu gostei muito do cordel, pela forma que o escritor usa para escrever sobre as histórias que aconteceram em outros tempos. Queria também fazer desse jeito, mas não consegui, preferir falar sobre a vida e falar sobre seguir em frente. ”

A produção de Pereira, tentar seguir o modelo do cordel que foi apresentado e explicado em sala. Ele produziu duas estrofes e versos com rimas no final. Realizou a leitura sentado.

Depois, tentou explicar aos colegas sobre o objetivo da vida: “Não podemos parar, temos que continuar sonhando e tentando vencer na vida, por isso eu resolvi não parar de estudar. Estou no turno noturno pois preciso trabalhar, pagar as minhas contas e ajudar em casa. Recentemente não pude assumir um cargo na empresa em que trabalho por não ter o ensino médio completo, e isso mexeu muito com minha cabeça. E só me deu mais força a não parar de estudar. ” (Pereira, 2023, 25 anos)

A vida

A vida não é tão simples

Viver não é só sorrir

Em vez de olhar para os outros

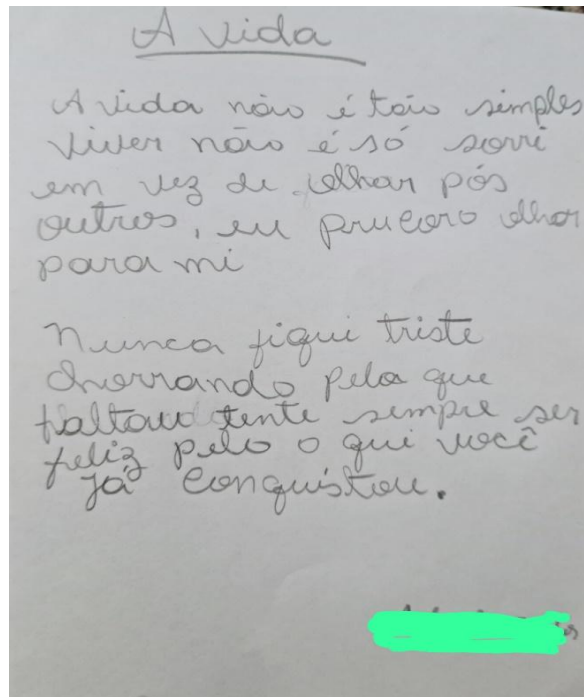
Eu procuro olhar para mim

Nunca fique triste

Chorando pelo que faltou

Tente sempre ser feliz pelo que você já conquistou.

Figura 9 - A vida (Pereira, 2023, 25 anos).



Fonte: Arquivo pessoal.

Outra aluna que produziu o cordel (Figura 10), Santana, 22 anos, apresenta na sua produção, o sertão, a menina Luísa e sua força. A estudante conta, que buscou inspiração nos cordéis que foram utilizados em sala: “Quis trazer no meu cordel, a imagem do lugar encantado que fica no sertão, assim como vivia Jaci, porém sem a maldade dos homens e coronéis. Trouxe na minha história, a menina Luísa, representando todas as meninas que precisam de força e esperteza para viver.” (Santana, 2023, 22 anos)

No Sertão de um lugar encantado

No sertão de um lugar encantado Luísa vive com o seu olhar

Brilhante com o seu sorriso sempre animado e sua alma pura e radiante.

Luísa a menina de coração valente com sua força, enfrenta qualquer desafio.

Espalhando alegria por onde passa contente.

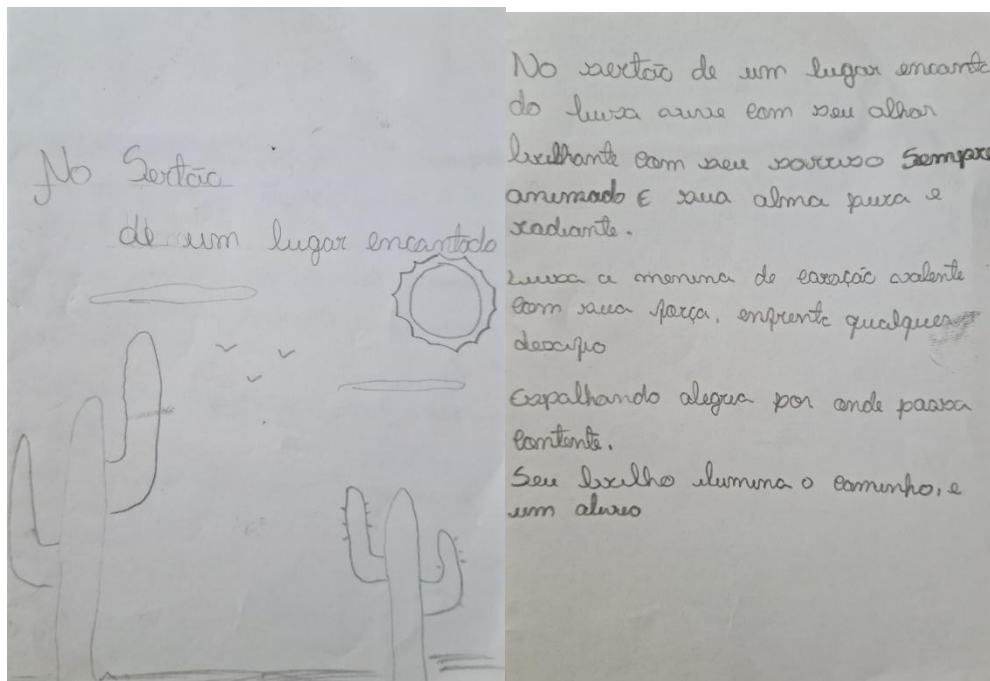
Seu Brilho ilumina o caminho, e um alívio.

É incrível como Santana, relaciona a sua história produzida a do cordel “A bela história de Jaci, a prostituta virgem e santa”, logo na capa do cordel, ela desenhou a “xilogravura”, retratando o sol, os cactos, nuvens e a revoado das aves. No seu texto, é possível observar a presença de elementos do cordel sobre a história de Jaci. Na primeira estrofe no quarto verso era apresenta a pureza que a protagonista carrega “... e sua alma pura. ”, logo em seguida nos

próximos versos, ela traz como elementos constituintes de Luísa, a força, valentia, alegria, assim como, Jaci era narrada.

Esse também foi um dos objetivos da utilização do cordel sobre a vida de Jaci, para que as alunas trouxessem elementos do texto não somente para a escrita na produção dos cordéis, mas que a mensagem que a história da prostituta que era virgem e santa, passa tanto para as mulheres quanto para os homens

Figura 10 - No sertão de um lugar encantado (Santana, 2023, 22 anos).



Fonte: Arquivo pessoal.

O cordel do aluno Oliveira, 60 anos, apresentou o cordel Sertanejo, com versos sobre o querer, falando de amor. Antes de iniciar sua leitura ele começa explicando que estava tudo anotado sobre as aulas que conversamos como era o cordel: “Professor, fiz duas capas, aqui na da frente tem o que eu entendi sobre o que o senhor explicou do que se tratava o cordel, e depois eu fiz uns desenhos sobre o sertão. Fiz o texto para alguém em especial.” (Oliveira, 2023, 60 anos)

Ai! Se se esse!

Se um dia nós se gostasse;

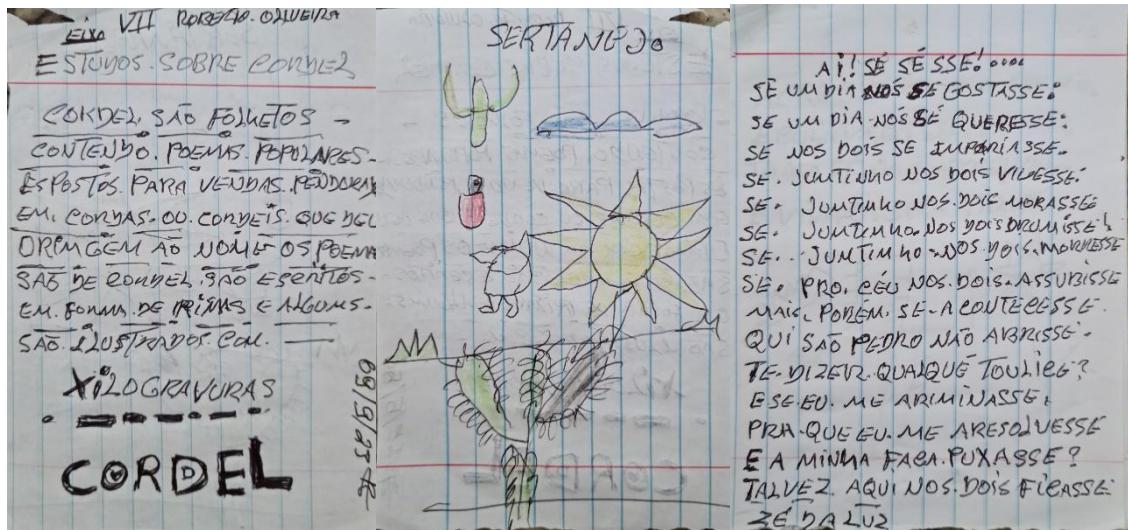
Se um dia nós se queresse;

Se nós dois se dois se impariasse.
 Se juntinho nós dois vivesse;
 Se juntinho nós dois morasse;
 Se juntinho nós dois drumisse!
 Se juntinho nós dois morresse;
 Se pro céu nós dois assubisse
 Mais, porém se acontecesse
 Qui São Pedro não abrisse
 Te dizer qualquer toulice?
 E se eu me ariminasse
 Pra que eu me aresolvesse
 E a minha faca puxasse?
 Talvez aqui nós dois ficasse;
 Zé da luz.

Nesse momento, a turma começa a perturbar Oliveira, insinuando o interesse dele por uma aluna da outra sala que ele sempre acompanha quando estão indo embora. “Professor, o cordel que ele escreveu eu vi ele lendo pra a Jô, a aluna aqui do Eixo – VI B.” (Pires, 2023, 22 anos). Nenhum pouco incomodado com a resenha feita pelos colegas, Oliveira, leu seu cordel em voz alta e com desenvoltura. Apesar de sua idade, 60 anos, em sua resposta ao questionário aplicado em sala, ele conta que mesmo abandonando os estudos, nunca parou de ler, e sempre lia tudo, inclusive o cordel.

É lindo como o aluno apresenta sua poesia, em forma de declaração a sua amada. A delicadeza da sua escrita e a presença de palavras como “impariasse” “assubisse”, traz consigo um regionalismo do interior da Bahia. O Sr. Oliveira, em outro momento, chegou a falar das suas idas para o interior e de como gostava de ouvir as conversar de seus avós. E é possível enxergar na sua escrita a delicadeza com que ele escreve e tenta mostrar essa “afabilidade” nas palavras que utiliza em seu texto.

Figura 11 - Sertanejo (Oliveira, 2023, 60 anos)



Fonte: Arquivo pessoal.

Questionei a todos que estavam presentes “Se o cordel poderia contribuir ou pode incentivar a prática de leitura?”. E todos fizeram sinal de positivo com a cabeça. O aluno Oliveira começou falando: “Com certeza o cordel pode melhorar nossa leitura, tem palavras na história que não conhecemos e podemos pesquisar o significado e passar a conhecer. Além do mais, sempre leio cordel, as histórias são fantásticas e o preço é bastante acessível. Na banca de revista próximo do meu trabalho vende, é R\$ 5,00, dá para comprar, já os livros que vendem lá são caros a partir de R\$ 30,00, então fica mais complicado de comprar. Mas o cordel por ser barato dá para comprar.” (Oliveira, 2023, 60 anos)

Outro estudante respondeu que gostou de conhecer e escrever um cordel: “Eu não conhecia o cordel, quando o senhor chegou aqui e perguntou se já conhecíamos, eu lembro que quase ninguém conhecia, inclusive eu. Eu acredito que o cordel pode sim contribuir para a nossa leitura, principalmente por ser acessível. Eu nunca vi vendendo, e acho por isso que nunca me interessei ou sabia sobre ele.” (Santana, 2023, 20 anos)

A utilização do cordel em sala de aula na turma da EJA, contribuiu para que todos os alunos envolvidos, interagissem com a literatura dos folhetos. Em todo o processo de socialização dos cordéis produzidos, todos que estavam presentes na roda de conversa, fizeram questão de ler e apresentar sua produção. Gerando interação entre os colegas da turma, visto que, em momentos de finalização da leitura cada um falava o que achou da produção do colega.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo desse trabalho de conclusão de curso, teve como objetivo geral, compreender a contribuição da literatura de folhetos de cordel para a formação leitora de estudantes da Educação de Jovens e Adultos – EJA Eixo VII, do Colégio Estadual Antonio Carlos Magalhães cordel. Através da sondagem, busquei conhecer o interesse dos alunos pelo cordel, e se em algum momento já tinham ouvido falar sobre a referida literatura. Após a coleta das informações apresentadas pelos estudantes, e em suma maioria, todos desconheciam, foi possível realizar procedimentos/atividades de leitura e escrita utilizando as narrativas dos cordéis, e trabalhado com eles o cordel “A bela história de Jaci, a prostituta virgem e santa”.

Durante todo o processo de realização da pesquisa foi necessário administrar vários entraves que se colocaram no caminho. A assiduidade dos alunos foi um desses obstáculos. Em encontros que foram divididos em 6 momentos diferentes, durante os quais cheguei a estar apenas com dois alunos presentes durante a aula do Professor Carlos. Outro desafio importante que impactou o desdobramento do trabalho foi a redução do tempo da aula que, nesse semestre por motivo do aumento da violência na capital, foi reduzido para 30 minutos, os alunos chegavam “partindo”, quando o desenrolar da aula chegava no momento de apreciação por todos, o tempo necessário logo se encerrava. Para a pesquisa foi muito negativo, pois em momentos de interação dos alunos com os folhetos e a leitura dos cordéis, não era possível dar continuidade com a atividade.

O retorno que obtive dos estudantes acerca do contato com o cordel e as histórias contadas em uma estrofe e depois resumida, teve retorno positivo, a produção (Figura 7) espontânea de dois estudantes entregue a mim, realizada por eles depois dois encontros, naquele momento fez-se valer a minha contribuição, a alegria que eles demonstravam em seus semblantes foi a cena que me tocou profundamente.

Infelizmente por motivos pessoais, com influência negativa do comportamento de alguns dos estudantes, não foi possível realizar a produção da xilogravura, mesmo com todo os materiais cedido pelo xilogravador Luiz Natividade. Foi preciso encerrar minha participação no colégio como medida de prevenção da minha segurança e integridade emocional.

A devolutiva dos alunos com as produções dos seus cordéis autorias, demonstraram a força que a literatura de cordel exprime quando é socializada em grupo, os alunos que nunca

ouviram falar na temática, se sentiram atraído e em sua maioria leram suas produções em sala de aula socializando suas histórias com os colegas.

Desse modo, alimento a esperança que a literatura de cordel tenha contribuído para o incentivo à leitura e a escrita aos alunos da Educação de Jovens e Adultos – EJA, do Eixo – VII do Colégio Estadual Antonio Carlos Magalhães, como foi planejado dentro dos objetivos dessa pesquisa.

REFERÊNCIAS

Anuário Brasileiro de Segurança Pública / **Fórum Brasileiro de Segurança Pública**. – 1 (2006)-. – São Paulo: FBSP, 2023.

ARROYO, Miguel G. **Passageiros da noite: do trabalho para a EJA: itinerários pelo direito a uma vida justa**. Editora Vozes Limitada, 2017.

BRITO, Gilmário Moreira. **Culturas e linguagens em folhetos religiosos do Nordeste: inter-relações escritura, oralidade, gestualidade, visualidade**. / Gilmário Moreira Brito. – São Paulo: Annablume, 2009. 236 p.; 16 x 23 cm.

CARVALHO, Gilmar de. **“Xilogravura: os percursos da criação popular”**. In: Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, nº 39. São Paulo: 39: pp. 143 a 158, 1995.

Catálogo de teses & dissertações - CAPES. Disponível em: <<https://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses>>. Acesso em: 12 ago. 2023.

FREIRE, Paulo. **Educação de adultos: algumas reflexões**. In: GADOTTI, Moacir; ROMÃO, José E. (orgs). Educação de Jovens e Adultos – Teoria, prática e proposta. São Paulo: Editora Cortez, 2011.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 1971.

GADOTTI, Moacir. **Educação de adultos como direito humano**. 2009.

GADOTTI, Moacir. **Educação de jovens e adultos: correntes e tendências**. In: GADOTTI & ROMÃO (orgs). Educação de Jovens e Adultos – Teoria, prática e proposta. São Paulo: Editora Cortez, 2011. p. 35-46.

GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. **Cordel: Leitores e ouvintes** / Ana Maria de Oliveira Galvão. – 1 ed., 1 reimp. – Belo Horizonte: Autêntica, 2006. 240 p. (Coleção Historial,9)

GIL, Antônio Carlos, 1946- **Como elaborar projetos de pesquisa** / Antônio Carlos Gil. - 4. ed. - São Paulo: Atlas, 2002.

LE BRETON, David, 1953 – **Antropologia dos Sentidos** / David Le Breton; tradução de Francisco Morás. – Petrópolis, Rj: Vozes, 2016.

LUBISCO, Nídia Maria Lienert. Manual de estilo acadêmico: trabalhos de conclusão de curso, dissertações e teses / Nídia M.L. Lubisco, Sônia Chagas Vieira. – ed. rev. e ampl. – Salvador: EDFUBA, 2019. – 158 p.;il.

MARINHO, Ana Cristina. O cordel no cotidiano escolar / Ana Cristina Marinho, Hélder Pinheiro. – São Paulo: Cortez, 2012. – (Coleção trabalhando com... na escola)

MAXADO, Franklin. **O que é cordel na literatura popular** / Franklin Maxado. Mossoró, RN: Queima-bucha, 2011.

PINHEIRO, Hélder, 1959 – Poesia na sala de aula / Hélder Pinheiro. – 1 ed. – São Paulo: Parábola, 2018. 152 p. ; 23cm. (Estratégias de ensino; 61)

SEXTARTE: a re(e)xistência da cultura popular em tempos de pandemia. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=iIFT0rKnYQQ&t=184s>>. Acesso em: 15 out. 2023.

SILVA, Andréa Betânia da. **O cordel como fonte de pesquisa e valorização da oralidade: práticas didático-pedagógicas.** In: FONSECA, Aleilton de Santana; FLECK, Gilmei Francisco; SANTOS, Luciene Souza (org.). A pesquisa em literatura e leitura na formação docente. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2018.

SILVA, Milena Cerqueira. **Folhetos da literatura de cordel como suporte para práticas de leituras, expressões escritas e diálogos com alunos da Educação de Jovens e Adultos.** 2013. Monografia (Graduação em Pedagogia) – Universidade do Estado da Bahia, Departamento de Educação, Campus I, Salvador, 2013.

7 ANEXOS



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA - UNEB
 DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO - DEDC/CAMPUS I
 COLEGIADO DE PEDAGOGIA
 DOCENTE: PROFESSOR DR. GILMÁRIO MOREIRA BRITO
 DISCENTE: RENAN BARBOSA DOS SANTOS SOUSA

QUESTIONÁRIO DE ENTREVISTA AOS ALUNOS DA EJA

NOME COMPLETO: Roberto de Souza e Silva
 IDADE: 4/9/68 COR/RACA: Autônomo Pardo
 ENDEREÇO: AV. USUBO NA GRAMA N.º 276
 OCUPAÇÃO: ATO AUTÔNOMO GÊNERO: MASCULINO

1. Por que você resolveu voltar a estudar?

PARA PODER TIRAR MEU 2º GRAU

2. Quais foram os motivos que levaram você voltar para a escola?

PARA PODER MIM. MOTIVAR QUANDO ADOLESCENTE Tinha
 QUE TRABALHA PARA PODER AJUDAR EM CASA. NÃO Tinha
 TEMPO OU ESTAVA COM TURBULENÇA

3. Seus familiares, amigos e colegas lhe incentivaram a retomar ou iniciar os estudos?

De que forma? COM UM PROFESSOR QUE NÃO CONHECEU A
 MUITO TEMPO NÃO ENTENDIA EU. Tinha muita
 VERGONHA. ME VOLTAR A ESTUDAR MAIS AGORA SEM

4. Você sofreu algum tipo de crítica ou de preconceito por ter voltado e começado a

estudar? SEM MEUS COLEGAS. MIM. ENTENDIA MUITO
 MAIS. FIQUEI MAIS FORTE COM AS COISAS. E
 RUIM ESSE TIPO DE REPRECAÇÃO

5. O que você esperava da sala de aula quando voltou para a escola? Depois que

chegou na sala a esperança mudou? SIM FIQUE MUITO FELIZ
 MUDEI MINHA AUTO ESTIMA

6. Sabe ler? SIM LEIO MUITO BEM

7. O que você gosta de ler? Como é que você faz a leitura?

DE TUDO PÔIS A LEITURA MUDA

AS PESSOAS E A FORMA DE VER AS COISAS

8. Que tipo de coisa / texto / imagem você costuma ler?

GOSTO DE LER A BUBRRIA. REVISTAS

JORNAL E TODO QUE TIVER LETRA.

9. Você conhece, já ouviu falar ou leu algum folheto de cordel?

SIM GOSTAVA MUITO ANTA COSTO

10. O que você imagina quando lê ou ouve uma história no folheto de cordel?

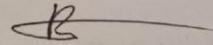
NA VERDE EU VIAJO NO TEMPO GOSTO

DE LER AS HISTÓRIA DE LANPIÃO E

MARIA BONITA. PEDRO MARZANTE AS

HISTÓRIA. JOÃO E MARIA SÃO MUITAS

SS S. DE CONDEZ





UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB
 DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO – DEDC/CAMPUS I
 COLEGIADO DE PEDAGOGIA
 DISCENTE: RENAN BARBOSA DOS SANTOS SOUSA

QUESTIONÁRIO DE ENTREVISTA AOS ALUNOS DA EJA

NOME COMPLETO: Rosilda Barreto Cardoso
 IDADE: 36 COR/RAÇA: _____
 ENDEREÇO: Vasco da Gama
 OCUPAÇÃO: _____ GÊNERO: _____

1. Qual o seu principal objetivo para voltar à sala de aula?
Termino no estudo tudo
2. Quais foram suas motivações?
Aperceber
3. Recebeu alguma negativa ou incentivo dos familiares quando decidiu retomar/iniciar os estudos?
Eu incentivo para estudar
4. Sofreu ou sofre algum preconceito por ter retomado/iniciado os estudos?
Não
5. Quais foram suas expectativas ao iniciar as aulas? Elas mudaram?
Sim é mudada
6. Sabe ler?
Sim
7. Gosta de ler ou tem o hábito da leitura?
gosta de ler
7

8. O que costuma ler?

quadrinha de truma mômica

9. Conhece ou ouviu falar sobre literatura de cordel?

naô.

10. O que você imagina sobre o que é a literatura de cordel?

imagina sobre o que é a
literatura



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB
 DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO – DEDC/CAMPUS I
 COLEGIADO DE PEDAGOGIA
 DISCENTE: RENAN BARBOSA DOS SANTOS SOUSA

50407

QUESTIONÁRIO DE ENTREVISTA AOS ALUNOS DA EJA

NOME COMPLETO: Jaqueline da Conceição
 IDADE: 39 COR/RAÇA: parada
 ENDEREÇO: Santia Cruz
 OCUPAÇÃO: trabalho GÊNERO: Fk

1. Qual o seu principal objetivo para voltar à sala de aula?
aprender mais
2. Quais foram suas motivações?
8
3. Recebeu alguma negativa ou incentivo dos familiares quando decidiu retomar/iniciar os estudos?
minha - mi mãe
4. Sofreu ou sofre algum preconceito por ter retomado/iniciado os estudos?
Sim
5. Quais foram suas expectativas ao iniciar as aulas? Elas mudaram?
Sim, melhor
6. Sabe ler? Sim
7. Gosta de ler ou tem o hábito da leitura?
Gosto

8. O que costuma ler?

um pouco de tudo

9. Conhece ou ouviu falar sobre literatura de cordel?

não

10. O que você imagina sobre o que é a literatura de cordel?

Escritura



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA - UNEB
 DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO - DEDC/CAMPUS I
 COLEGIADO DE PEDAGOGIA
 DOCENTE: PROFESSOR DR. GILMÁRIO MOREIRA BRITO
 DISCENTE: RENAN BARBOSA DOS SANTOS SOUSA

QUESTIONÁRIO DE ENTREVISTA AOS ALUNOS DA EJA

NOME COMPLETO: Adriana Silva Teixeira de Jesus
 IDADE: 42 COR/RAÇA: preta
 ENDEREÇO: Rua 31 de Março Vº 56 Angelina da Federação
 OCUPAÇÃO: Draivista GÊNERO: Feminino

1. Por que você resolveu voltar a estudar?

Para ter mais chance de conseguir um emprego de carteira assinada.

2. Quais foram os motivos que levaram você voltar para a escola?

A falta de oportunidade de emprego de carteira assinada sem o ensino médio completo e também aprender a escrever.

3. Seus familiares, amigos e colegas lhe incentivaram a retomar ou iniciar os estudos?

De que forma? Não! mais vi que tinha uma enorme necessidade.

4. Você sofreu algum tipo de crítica ou de preconceito por ter voltado e começado a estudar?

Sim! tive que passar por várias e ainda acontece mais tudo bem.

5. O que você esperava da sala de aula quando voltou para a escola? Depois que chegou na sala a esperança mudou?

Um lugar em que eu mim sentiria envergonhada, o que mudou foi que gostei e mim sinto feliz.

6. Sabe ler?

Um pouco mais quero aprender mais.

7. O que você gosta de ler? Como é que você faz a leitura?

Revistas, revistas e a Bíblia,
devagar.

8. Que tipo de coisa / texto / imagem você costuma ler?

Revistas de quadrinho e a Bíblia.

9. Você conhece, já ouviu falar ou leu algum folheto de cordel?

Sim! Com o professor de geografia
que mim deu um livrinho na sala de aula.

10. O que você imagina quando lê ou ouve uma história no folheto de cordel?

Imagino as histórias e a mensagem
que fassam.



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB
 DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO – DEDC/CAMPUS I
 COLEGIADO DE PEDAGOGIA
 DOCENTE: PROFESSOR DR. GILMÁRIO MOREIRA BRITO
 DISCENTE: RENAN BARBOSA DOS SANTOS SOUSA

QUESTIONÁRIO DE ENTREVISTA AOS ALUNOS DA EJA

NOME COMPLETO: Gabriel Santos Vieira
 IDADE: 19 COR/RAÇA: Negro
 ENDEREÇO: Rodovia
 OCUPAÇÃO: Trabalha e faz Bazar GÊNERO: Masculino

1. Por que você resolveu voltar a estudar? para terminar o Colégio
2. Quais foram os motivos que levaram você voltar para a escola? para trabalhar
3. Seus familiares, amigos e colegas lhe incentivaram a retomar ou iniciar os estudos?
De que forma? Sim, Eu mesmo que decidir
4. Você sofreu algum tipo de crítica ou de preconceito por ter voltado e começado a estudar? Não
5. O que você esperava da sala de aula quando voltou para a escola? Depois que chegou na sala a esperança mudou? Sim, de mais, me quero acabar logo

6. Sabe ler? *Sim*

7. O que você gosta de ler? Como é que você faz a leitura?

Sim gosto de ler

8. Que tipo de coisa / texto / imagem você costuma ler? *Notícias, jornais, filosofia*
~~de~~ *astronomia e manga*

9. Você conhece, já ouviu falar ou leu algum folheto de cordel? *Não*

10. O que você imagina quando lê ou ouve uma história no folheto de cordel? *mas sei por que*
mas não



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB
 DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO – DEDC/CAMPUS I
 COLEGIADO DE PEDAGOGIA
 DOCENTE: PROFESSOR DR. GILMÁRIO MOREIRA BRITO
 DISCENTE: RENAN BARBOSA DOS SANTOS SOUSA

QUESTIONÁRIO DE ENTREVISTA AOS ALUNOS DA EJA

NOME COMPLETO: Ramon da Silva Pereira
 IDADE: 25 COR/RAÇA: Pardo
 ENDEREÇO: Rua Sérgio de Carvalho
 OCUPAÇÃO: trabalho GÊNERO: masculino

1. Por que você resolveu voltar a estudar?
 Para adquirir conhecimentos
2. Quais foram os motivos que levaram você voltar para a escola?
 O motivo para a terminar e também fazer o curso
3. Seus familiares, amigos e colegas lhe incentivaram a retomar ou iniciar os estudos?
 De que forma?
 Foi assim que eu decidi que estudou para ser algum no futuro.
4. Você sofreu algum tipo de crítica ou de preconceito por ter voltado e começado a estudar?
 Não
5. O que você esperava da sala de aula quando voltou para a escola? Depois que chegou na sala a esperança mudou?
 Não esperava muito coisa

6. Sabe ler?

Sim

7. O que você gosta de ler? Como é que você faz a leitura?

Não

8. Que tipo de coisa / texto / imagem você costuma ler?

Folheto

9. Você conhece, já ouviu falar ou leu algum folheto de cordel?

Não

10. O que você imagina quando lê ou ouve uma história no folheto de cordel?

Não sei



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB
 DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO – DEDC/CAMPUS I
 COLEGIADO DE PEDAGOGIA
 DOCENTE: PROFESSOR DR. GILMÁRIO MOREIRA BRITO
 DISCENTE: RENAN BARBOSA DOS SANTOS SOUSA

QUESTIONÁRIO DE ENTREVISTA AOS ALUNOS DA EJA

NOME COMPLETO: Viviane Sousa
 IDADE: 22 COR/RAÇA: Parda
 ENDEREÇO: _____
 OCUPAÇÃO: Trabalho GÊNERO: Feminino

1. Por que você resolveu voltar a estudar?

quero fazer de estudos!

2. Quais foram os motivos que levaram você voltar para a escola?

Queria terminar estudar

3. Seus familiares, amigos e colegas lhe incentivaram a retomar ou iniciar os estudos?

De que forma?

de forma que acate para escola
para concluir

4. Você sofreu algum tipo de crítica ou de preconceito por ter voltado e começado a estudar?

Não

5. O que você esperava da sala de aula quando voltou para a escola? Depois que chegou na sala a esperança mudou?

Não esperava nada de mais não!

6. Sabe ler?

Sim

7. O que você gosta de ler? Como é que você faz a leitura?

Para ~~ser~~ falar a verdade
não gosto muito de ler

8. Que tipo de coisa / texto / imagem você costuma ler?

Nenhuma

9. Você conhece, já ouviu falar ou leu algum folheto de cordel?

Não

10. O que você imagina quando lê ou ouve uma história no folheto de cordel?

Uma coisa ou outra não kkk



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB
 DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO – DEDC/CAMPUS I
 COLEGIADO DE PEDAGOGIA
 DOCENTE: PROFESSOR DR. GILMÁRIO MOREIRA BRITO
 DISCENTE: RENAN BARBOSA DOS SANTOS SOUSA

QUESTIONÁRIO DE ENTREVISTA AOS ALUNOS DA EJA

NOME COMPLETO: Bianca Araújo
 IDADE: 20 COR/RAÇA: Preta
 ENDEREÇO: F. Educação
 OCUPAÇÃO: Trabalho GÊNERO: Feminino

1. Por que você resolveu voltar a estudar? porque cusei um ano no meu antigo colégio por conta disso voltei a estudar
2. Quais foram os motivos que levaram você voltar para a escola?
Porque eu faço curso e preciso do meu histórico escolar
3. Seus familiares, amigos e colegas lhe incentivaram a retomar ou iniciar os estudos?
De que forma?
Incentivado pro eu estudar pro eu fazer meu curso que sempre quis
4. Você sofreu algum tipo de crítica ou de preconceito por ter voltado e começado a estudar?
não
5. O que você esperava da sala de aula quando voltou para a escola? Depois que chegou na sala a esperança mudou?
não esperava nada

6. Sabe ler?

sim

7. O que você gosta de ler? Como é que você faz a leitura?

lento mas de vez em quando

8. Que tipo de coisa / texto / imagem você costuma ler?

nem lembro

9. Você conhece, já ouviu falar ou leu algum folheto de cordel?

sim quando estudava menor

10. O que você imagina quando lê ou ouve uma história no folheto de cordel?

fico imaginando que eu tô lendo

EUB A/II - A



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA - UNEB
 DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO - DEDC/CAMPUS I
 COLEGIADO DE PEDAGOGIA
 DOCENTE: PROFESSOR DR. GILMÁRIO MOREIRA BRITO
 DISCENTE: RENAN BARBOSA DOS SANTOS SOUSA

QUESTIONÁRIO DE ENTREVISTA AOS ALUNOS DA EJA

NOME COMPLETO: Renan d. Y. Barbosa dos Santos
 IDADE: 22 COR/RACA: Negra
 ENDEREÇO: Vila da Gramma
 OCUPAÇÃO: Estudante GÊNERO: Feminino

1. Por que você resolveu voltar a estudar?
por que sim!
2. Quais foram os motivos que levaram você voltar para a escola?
Porque termino o estudo a oportunidade de emprego é melhor.
3. Seus familiares, amigos e colegas lhe incentivaram a retomar ou iniciar os estudos?
De que forma? Sim! Me deu força pra continuar estudar
4. Você sofreu algum tipo de crítica ou de preconceito por ter voltado e começado a estudar? Não
5. O que você esperava da sala de aula quando voltou para a escola? Depois que chegou na sala a esperança mudou? Sim vontade de aprender de continuar.

6. Sabe ler? *Sim*

7. O que você gosta de ler? Como é que você faz a leitura?
Romance, sendo normal

8. Que tipo de coisa / texto / imagem você costuma ler?
coisas românticas e suspense

9. Você conhece, já ouviu falar ou leu algum folheto de cordel?
Já ouviu falar, mas nunca li

10. O que você imagina quando lê ou ouve uma história no folheto de cordel?
Não sei porque nunca li



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB
 DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO – DEDC/CAMPUS I
 COLEGIADO DE PEDAGOGIA
 DOCENTE: PROFESSOR DR. GILMÁRIO MOREIRA BRITO
 DISCENTE: RENAN BARBOSA DOS SANTOS SOUSA

QUESTIONÁRIO DE ENTREVISTA AOS ALUNOS DA EJA

NOME COMPLETO: Alana Santana dos Santos
 IDADE: 20 COR/RAÇA: Branca
 ENDEREÇO: Rua 4, De Dezembro
 OCUPAÇÃO: Trabalho GÊNERO: Feminino

1. Por que você resolveu voltar a estudar?

Do dei continuidade

2. Quais foram os motivos que levaram você voltar para a escola?

Finalizar o Ensino Médio

3. Seus familiares, amigos e colegas lhe incentivaram a retomar ou iniciar os estudos?
 De que forma?

O incentivo partiu de uma mesma pessoa

4. Você sofreu algum tipo de crítica ou de preconceito por ter voltado e começado a estudar?

Não

5. O que você esperava da sala de aula quando voltou para a escola? Depois que chegou na sala a esperança mudou?

Uma melhoria, mas percebi que o tempo voltou com 10 coisas diferentes no corpo

6. Sabe ler?

Sim

7. O que você gosta de ler? Como é que você faz a leitura?

Livros de Auto conhecimento

8. Que tipo de coisa / texto / imagem você costuma ler?

Livros auto. explicação

9. Você conhece, já ouviu falar ou leu algum folheto de cordel?

Não le alguns

10. O que você imagina quando lê ou ouve uma história no folheto de cordel?

Uma história por cada estrofe



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA - UNEB
 DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO - DEDC/CAMPUS I
 COLEGIADO DE PEDAGOGIA
 DOCENTE: PROFESSOR DR. GILMÁRIO MOREIRA BRITO
 DISCENTE: RENAN BARBOSA DOS SANTOS SOUSA

QUESTIONÁRIO DE ENTREVISTA AOS ALUNOS DA EJA

NOME COMPLETO: Yannyle Bastiana D. Pinna

IDADE: 23

COR/RAÇA: _____

ENDEREÇO: Rua São João BA 4005 Engenho Velho de Curitiba

OCUPAÇÃO: Sua mãe dona de casa GENÊRO: Feminino
Estaladeira

1. Por que você resolveu voltar a estudar? Prq ter uma formação mais específica pra poder fazer um curso no futuro
2. Quais foram os motivos que levaram você voltar para a escola?
Queres fazer um curso e não poder por não ter terminado o estudo
3. Seus familiares, amigos e colegas lhe incentivaram a retomar ou iniciar os estudos?
 De que forma? Minha mãe incentivou quando meu filho
4. Você sofreu algum tipo de crítica ou de preconceito por ter voltado e começado a estudar?
Sim, muitas pessoas falam pra que volte pra escola
5. O que você esperava da sala de aula quando voltou para a escola? Depois que chegou na sala a esperança mudou?
Esperava que quase ninguém viesse. Porque o ano passado me esperava que eu estudasse, mas não ia mais

6. Sabe ler? *Sim*

7. O que você gosta de ler? Como é que você faz a leitura?

não gosto de ler

8. Que tipo de coisa / texto / imagem você costuma ler?

imagem de internet

9. Você conhece, já ouviu falar ou leu algum folheto de cordel?

não conheço

10. O que você imagina quando lê ou ouve uma história no folheto de cordel?



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB
 DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO – DEDC/CAMPUS I
 COLEGIADO DE PEDAGOGIA
 DISCENTE: RENAN BARBOSA DOS SANTOS SOUSA

QUESTIONÁRIO DE ENTREVISTA AOS ALUNOS DA EJA

NOME COMPLETO: Yvoneia Lima
 IDADE: 54 COR/RAÇA: parda
 ENDEREÇO: Angélica BOEH 66 Jaderes
 OCUPAÇÃO: caidadora GÊNERO: feminino

1. Qual o seu principal objetivo para voltar à sala de aula?
Aprender mais
2. Quais foram suas motivações?
meu filho meu incentivo
3. Recebeu alguma negativa ou incentivo dos familiares quando decidiu retomar/iniciar os estudos? Sim
Técnicos de E
4. Sofreu ou sofre algum preconceito por ter retomado/iniciado os estudos?
Não
5. Quais foram suas expectativas ao iniciar as aulas? Elas mudaram?
Técnicos de Enfermagem
6. Sabe ler? sim
7. Gosta de ler ou tem o hábito da leitura?
Gosto de ler

8. O que costuma ler? *Bíblia os*

9. Conhece ou ouviu falar sobre literatura de cordel?

Sim

10. O que você imagina sobre o que é a literatura de cordel?

Literatura de cordel



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB
 DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO – DEDC/CAMPUS I
 COLEGIADO DE PEDAGOGIA
 DISCENTE: RENAN BARBOSA DOS SANTOS SOUSA

QUESTIONÁRIO DE ENTREVISTA AOS ALUNOS DA EJA

NOME COMPLETO: Miguel dos Santos Anjos
 IDADE: 18 COR/RAÇA: negro
 ENDEREÇO: Avenida de Borata
 OCUPAÇÃO: trabalha GÊNERO: feminino

1. Qual o seu principal objetivo para voltar à sala de aula?

Vote para a escola para conseguir o objetivo

2. Quais foram suas motivações?

Estudo em

3. Recebeu alguma negativa ou incentivo dos familiares quando decidiu retomar/iniciar os estudos?

Muito me perguntaram se estava

4. Sofreu ou sofre algum preconceito por ter retomado/iniciado os estudos?

Sim. Não podia mudar a tua vida

5. Quais foram suas expectativas ao iniciar as aulas? Elas mudaram?

Se não eu gostei de tudo

6. Sabe ler?

sim

7. Gosta de ler ou tem o hábito da leitura?

sim

8. O que costuma ler?

Jatei de teudo

9. Conhece ou ouviu falar sobre literatura de cordel?

me l

10. O que você imagina sobre o que é a literatura de cordel?

Graciosa Pinao